



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

X LEGISLATURA (2014 – 2018)

7.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 8 DE FEVEREIRO DE 2018

**Presidente:** Ex.<sup>mo</sup> Sr. José da Graça Diogo  
**Secretários:** Ex.<sup>mos</sup> Srs. Celmira Sacramento  
Nenésio Afonso  
Sebastião Pinheiro

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 9 horas e 45 minutos

Ordem do Dia. — Concluiu-se a apreciação e aprovação conjunta, na generalidade, das propostas de lei n.º 25 e 26/X/7.ª/18 – Grandes Opções do Plano (GOP) e Orçamento Geral do Estado (OGE) para o Ano Económico de 2018, respectivamente. Intervieram, a diverso título, além dos Srs. Ministros das Finanças, Comércio e da Economia Azul (Américo Ramos), da Defesa e Administração Interna (Arlindo Ramos), da Educação, Cultura, Ciência e Comunicação (Olinto Daio), dos Negócios Estrangeiros e Comunidades (Urbino Botelho) e da Agricultura e Desenvolvimento Rural (Teodorico Campos), que responderam às questões, os Srs. Deputados

Arlindo Barbosa (MLSTP/PSD), Levy Nazaré (ADI), Gaudêncio Costa (MLSTP/PSD), Abnildo d' Oliveira (ADI), Jorge Amado (MLSTP/PSD), Delfim Neves (PCD), Danilson Cotú (PCD), António Barros (MLSTP/PSD), Maria de Cristo (PCD), Felisberto Afonso (UDD), Esmaiel da Glória (ADI), Carlos Correia (ADI), João Godinho (PCD) e Filomena dos Prazeres (PCD).

No encerramento do debate, produziram intervenções os Srs. Deputados Danilson Cotú (PCD), Gaudêncio Costa (MLSTP/PSD), Levy Nazaré (ADI) e o Sr. Primeiro-Ministro (Patrice Trovoada).

O Sr. Presidente encerrou a sessão quando eram 15 horas e 15 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 9 horas e 45 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Abnildo** do Nascimento **d' Oliveira**

**Adilson Cabral Managem**

**Adolfo** Francisco **Menezes** de Borja

**Alda** Quaresma da Costa **D' Assunção dos Ramos**

**Anaydi dos Prazeres Ferreira**

**Arlindo Quaresma** dos Santos

**Berlindo** Branco Vilela **Silvério**

**Bilaine** Carvalho Viegas de **Ceita**

**Carlos** Manuel Cassandra **Correia**

**Celmira** d'Almeida do **Sacramento**

**Egrinaldino** de Carvalho Viegas de Ceita

**Esmaiel da Glória** Espírito Santo

**Flávio** Pires **Mascarenhas** dos Ramos

**Gabriel Barbosa dos Ramos**

**Idalécio** Augusto **Quaresma**

**Ivo** Mendonça da **Costa**

**Joaquim Salvador** Afonso

**Jorge** Sousa Ponte Amaro **Bondoso**

**José António** do Sacramento **Miguel**

**José Carlos Cabral** d'Alva

**José** da Graça **Diogo**

**José Manuel** Macumbo **Costa Alegre**

**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**

**Manuel** da Graça **Narciso**

**Mário Fernando** de Jesus Rainho

**Martinho** da Trindade **Domingos**

**Milton** Viegas Fernandes **Lima**

**Nenésio** Quaresma **Afonso**

**Ossáquio** Perpétua **Riôa**

**Pedro** Jorge de Abreu e **Carvalho**

**Salcedas** d'Alva Teixeira **Barros**

**Silvestre** **Moreno** Mendes

**Wilder** **Monteiro** dos Santos

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Aérton** do Rosário **Crisóstomo**

**António** das Neves Sacramento **Barros**

**António** **Monteiro** Fernandes

**Arlindo** **Barbosa** Semedo

**Beatriz** da Veiga Mendes **Azevedo**

**Deolindo** Luís da Trindade **da Mata**

**Dionísio** **Fernandes** Leopoldino

**Domingos** **Monteiro** Fernandes

**Gaudêncio** Luís da **Costa**

**Jaime** Pires **Sequeira de Menezes**

**Jorge** **Amado**

Manuel da Cruz **Marçal** **Lima**

**Mohamed** Guadalupe Ramos **da Glória**

**Óscar** Cosme da Conceição **Gina** da Silva

**Oswaldo** Tavares dos Santos **Vaz**

**Vasco** Gonçalves **Guiva**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Danilson** Alcântara Fernandes **Cotú**

**Delfim** Santiago das **Neves**

**Filomena** M. de Fátima dias X. de P. dos **Prazeres**

**João Neto de Almeida Godinho**

**Maria de Cristo** H. dos S. R. da C. de Carvalho

União dos Democratas para o Desenvolvimento (UDD):

**Felisberto** Fernandes **Afonso**

O Sr. **Presidente**: — Sras. Ministras, Srs. Ministros, Caríssimas Sras. Deputadas e Caríssimos Srs. Deputados, muito bom dia.

Vamos dar continuidade aos nossos trabalhos, com o debate na generalidade das propostas de lei das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado. Temos a seguinte distribuição do tempo: o Governo tem 111 minutos, o ADI, 111, o MLSTP/PSD, 55 minutos, o PCD, 18 minutos, e o UUD tem 5 minutos.

Convido as Sras. e os Srs. Deputados para fazerem as suas intervenções, mantendo a mesma metodologia utilizada na véspera. Isto é, 3 perguntas seguidas de respostas e assim sucessivamente, até ao final das intervenções. Nesse sentido, gostaria de saber quem é o primeiro Deputado que gostaria de fazer uma intervenção, no sentido de avançarmos.

Estamos a dar continuidade dos trabalhos que iniciámos ontem, daí que a Mesa está à espera do primeiro interveniente, para poder dar a palavra.

Mais uma vez, apelo para que aqueles que estiverem interessados em intervir possam fazê-lo agora, colocar as questões que têm, para que depois o Governo possa responder.

Eu gostaria de prestar uma informação, para melhor esclarecimento. O Sr. Primeiro-Ministro, como vêem, está ausente...

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Oh! Falta de respeito.

O Sr. **Presidente**: —...deixe-me falar, Sr. Deputado, porque ele tem uma audiência agora, mas me garantiu que virá cá antes do encerramento do debate. Podemos começar o trabalho, ele virá a qualquer altura que estiver disponível. Portanto, estando ele ou não, o Governo está aqui presente e alguém poderá responder, se for necessário.

Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa, para uma intervenção.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Eu reajo em função daquilo que o Sr. Presidente falou. Penso que a agenda, sobretudo do Programa do Governo e do Orçamento Geral do Estado, é em concertação com o Governo, sobretudo o Primeiro-Ministro. De facto, antes de fazer essa agenda, houve esse acerto. E nós não podemos ouvir que há ausência do Primeiro-Ministro por causa de uma audiência. O Orçamento Geral do Estado sobrepõe-se, no meu entender, a todo e qualquer expediente do Governo, por um lado. Por outro, não podemos estar a funcionar sem a cabeça. Se não há cabeça na Sala, o mínimo que o Parlamento tem que fazer é suspender e aguardar o Sr. Primeiro-Ministro, porque as perguntas são dirigidas ao Chefe do Governo e, ademais, quem autoriza os Ministros a ter intervenção é o Chefe do Governo. Por isso, Sr. Presidente, não vale a pena estarmos a inventar moda. Sabemos que temos que avançar, mas pelo menos temos que ter respeito pelos Deputados, pelo povo e pela instituição. É o mínimo.

Não nos apresentam a execução, criam problemas à oposição, dizendo que a oposição não tem proposta e depois vêm com remendos no Orçamento Geral do Estado, com ausência do Primeiro-Ministro. Já está aprovado? A menos que nos digam que já está aprovado, para que a presença da oposição não se justifique nesta Sala.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, vou pegar apenas aquilo que o próprio Sr. Deputado disse. Portanto, essa discussão é com o Governo. O Primeiro-Ministro representa o Governo, está à testa do Governo. Não estando o Primeiro-Ministro, há o Ministro dos Assuntos Parlamentares, que pode muito bem representar o Governo e dar a palavra aos outros colegas, no sentido de poderem intervir. Daí que eu não vejo o porquê... um exemplo muito simples: se eu estivesse indisponível, há um Vice-Presidente que deveria me substituir. É normal. Em qualquer instituição é assim. Portanto, eu não entendo por que é que fazem sempre questão que tem que ser o Primeiro-Ministro. Não estando ele, está cá o Ministro da Presidência do Conselho de Ministros e dos Assuntos Parlamentares, que pode muito bem o representar neste momento. Quando ele estiver disponível, virá. Ele virá, porque, aliás, como disse, em termos regimentais, quem encerra o debate é o Primeiro-Ministro. Ele tem esse compromisso, ele virá cá.

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — Abre e fecha.

O Sr. **Presidente**: — Não! Abrir, abriu desde ontem. Hoje, estamos a dar continuidade apenas. Vocês têm uma interpretação, eu interpreto de uma outra forma. Se eu estivesse ausente, não haveria debate? Haveria o debate, porque há sempre alguém que assegura os serviços.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Invocação ao Regimento.

Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré, para invocar o Regimento.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Presidente, Sras. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, peço a palavra apenas para, como havia dito, invocar o Regimento, porque, como o debate está a ser transmitido em directo e há muita gente a nos ouvir, e ainda bem que assim é, para aquelas pessoas que não conhecem o nosso Regimento não ficarem confundidas. O artigo que eu gostaria de citar é o 209.º do Regimento. Antes de ler, quero dizer que o Governo esteve presente, ontem, no debate, chefiado pelo Primeiro-Ministro e o Governo está presente hoje. Sua Excelência o Primeiro-Ministro justificou a sua ausência, na fase inicial do debate, e garantiu que estará assim que for possível, para tomar parte no debate. Acreditamos todos que assim acontecerá. Por isso, todos estamos cá e vamos presenciar a vinda do Sr. Primeiro-Ministro, para continuar a seguir os trabalhos parlamentares, na discussão do Orçamento na generalidade.

Mas o que é que diz o artigo 209.º? O contrário daquilo que se tentou passar, de que tem que ser com o Primeiro-Ministro. Diz: «1. O debate inicia-se e encerra-se com uma intervenção do Governo.» É isso que diz o Regimento. Em nenhum momento diz «do Primeiro-Ministro». Mas é lógico, e eu não vou fugir a isso, que o Governo tem um Chefe e, em princípio, deve ser o Primeiro-Ministro a iniciar e encerrar o debate. Ontem, ele iniciou o debate. Todo povo viu na Televisão, até passou na TV *on-line* e, de certeza, hoje, ele estará presente para encerrar também o debate, como Chefe do Governo. Mas poderia ser o Ministro dos Assuntos Parlamentares ou o Ministro das Finanças, tendo em conta que a questão é orçamental, a encerrar o debate. Não deve ser! Na minha opinião, deve ser o próprio Primeiro-Ministro. Por isso é que ele estará aqui, para encerrar o debate. Não há nenhum problema, tanto é que, ontem, quem respondeu às perguntas foi o Ministro das Finanças. Todas as perguntas colocadas e todo o mundo assistiu, o povo, que nos acompanhou, assistiu, o único membro do Governo que usou da palavra, ontem, foi o Ministro das Finanças. E é assim. Ninguém está a inventar moda. Se o Regimento dissesse que, em toda a reunião, tem que estar presente o Primeiro-Ministro, seria outra coisa.

O Presidente esteve e disse bem, tanto é que, quando tem que se ausentar, é substituído por um dos vice-presidentes. Não estando nenhum dos vice-presidentes, é o Deputado mais velho a presidir as sessões. Por isso, quando o Presidente quiser ausentar-se, o trabalho pára, porque o Presidente não está na Sala? Isso é regimental e a minha intervenção é apenas para invocar o Regimento. O Regimento é a lei que regula o funcionamento da nossa Casa Parlamentar, até na discussão do Orçamento e das Grandes Opções do Plano.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa, para uma intervenção.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Sr. Deputado Levy Nazaré, eu acho que não vale a pena justificar o injustificado. Que Regimento o senhor invocou? Como é que um Primeiro-Ministro abre o debate, não participa e não sabe as preocupações que são colocadas e vem encerrar o debate? Quer dizer, é o mínimo, a não ser que se queira a banalização dos órgãos. E a justificação que o Presidente apresenta é que o Primeiro-Ministro está numa audiência, quando se trata de um Orçamento Geral do Estado. O senhor pede, diz que está a invocar o Regimento, inicia-se, encerra-se e o homem não participa no debate. Já sabemos como é que o País está. Isso no mínimo, temos que caracterizar como uma banalização do próprio Órgão Assembleia Nacional, e o Sr. Presidente está à vontade, outra vez, ao justificar o injustificado.

Se o Primeiro-Ministro está numa audiência, no mínimo, são 30 minutos. Então, suspendamos e esperemos o Sr. Primeiro-Ministro, por 30 minutos.

Para o Orçamento, o vice-Primeiro-Ministro pode substituir e para a audiência não pode, quando se trata de um Orçamento Geral do Estado.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, antes de passar a palavra ao próximo, vou dar um exemplo muito simples e claro que aconteceu comigo. Há dias, estávamos a discutir o orçamento da Assembleia Nacional e os serviços informaram-me, porque era na véspera até, que havia uma solicitação para um encontro com o representante da União Europeia para a União Africana, para a África Central e eu, em plena discussão, tive que chamar o Sr. Vice-Presidente. Disse-lhe: «Sr. Vice-Presidente, assegure, digamos assim, os trabalhos ...»

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — Aqui é sua casa.

O Sr. **Presidente**: — ...deixa-me falar.

Fui à audiência, fiz 30 minutos, regresssei, e não houve nenhum drama, porque acho que é uma questão perceptível. Portanto, se há alguém que possa substituir, o debate não pára. E continuou.

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — Não há comparação.

O Sr. **Presidente**: — Não! Estou a dar um exemplo do que aconteceu claramente aqui na nossa Casa Parlamentar. Portanto, as coisas continuaram. O Sr. Deputado Levy esteve a assegurar os trabalhos aqui. Houve algum drama por causa disto? Não!

Tem a palavra o Sr. Deputado Gaudêncio Costa, para uma intervenção.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Para invocar o Regimento.

O Sr. **Presidente**: — Para invocar o Regimento? Diga qual é o artigo, para podermos acompanhar.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Artigos 205.º e 209.º.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: o ponto 2 do artigo 209.º do Regimento, como disse o Deputado que me antecedeu, diz: «O debate inicia-se e encerra-se com uma intervenção do Governo». A questão que se põe, isso já foi dito, é que há uma leitura política que se faz desta atitude do Sr. Primeiro-Ministro. Se o povo de São Tomé e Príncipe, que está lá em casa a nos ouvir, está lembrado, no debate do primeiro Orçamento desta Legislatura, o Sr. Primeiro-Ministro participou, veio com grande velocidade, grandes expectativas, falou a todo o tempo, nenhum membro do Governo, creio eu, interveio, assumiu tudo...

O Sr. **Presidente**: — Só um momento. O Sr. Deputado pediu a palavra para invocar o Regimento...

O Sr. **Gaudêncio Costa**: — Sim, sim. Eu estou a justificar o que é que eu vou dizer a seguir, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado pediu a palavra para invocar o Regimento, mas está a fazer uma explanação que não tem nada a ver com a norma que está no Regimento.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — O que estamos a verificar, Sr. Presidente, é o que eu disse ontem, um Primeiro-Ministro cansado, um Primeiro-Ministro esgotado, sem soluções...

*Protestos do ADI.*

...e que foge ao debate. Foge ao debate. Se ele não participar no debate, se o Primeiro-Ministro não participar no debate...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, se insistir assim, vou cortar-lhe a palavra. O Sr. Deputado está a fugir ao contexto do que está na norma regimental. Está a fazer uma intervenção que não tem nada a ver com a norma que citou...

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Está a fazer enquadramento.

O Sr. **Presidente**: — ... está a fazer uma declaração política. Não tem margens aqui para declarações políticas. Viemos para discutir o Orçamento. Ponto final.

*Murmúrios gerais.*

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Meus senhores, deixem-me terminar. Deixam-me terminar. Além do Regimento, há uma interpretação política que fazemos disso e vocês têm que ouvir. A interpretação política que fazemos disso é que, além de faltar com o respeito a toda Casa Parlamentar, o Sr. Primeiro-Ministro está a demonstrar ao povo que não é dialogante. Ele vai encerrar um debate no qual não participou. É uma falta de consideração, aliás, é o timbre deste Chefe do Governo. Ou seja, foge ao debate. Notem bem, nas televisões, como o Primeiro-Ministro está à vontade...

O Sr. **Pedro Carvalho** (ADI): — Vai sentar.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Vamos pedir suspensão.

O Sr. **Presidente**: — Hoje, viemos para discutir apenas o Orçamento Geral do Estado. O senhor está a fazer declarações políticas e declarações políticas não têm espaço aqui.

Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré, para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — De forma a não continuar numa discussão que não faz sentido, não invoquei o Regimento. Pedi a palavra, para participar no debate que já se iniciou. É isso que é o mais importante e é disto que o povo está à espera.

O que eu li, todo mundo percebeu. O Governo é composto pelo Primeiro-Ministro e os respectivos Ministros, e o Governo está presente. Há todas as condições para o debate prosseguir. Por isso, o País não pára, o trabalho não pára, o debate não pára, porque o Primeiro-Ministro não está, por um tempo, presente. Ele estará no debate, quando chegar, vai participar no debate, não apenas para o encerrar, mas para estar presente durante o debate. Isso é que é o mais importante. A não ser que os Deputados não tenham nada para debater...

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Não têm propostas.

O Sr. **Pedro Carvalho** (ADI): — Deixem-nos trabalhar.

*Risos e aplausos do (ADI).*

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Incoerência, Deputados.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Sem o chefe? O Primeiro-Ministro fugiu.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — ...se os Deputados não têm assuntos para debater, então o Presidente encerra o debate que tem, no mínimo, diz o Regimento, 2 dias e, no máximo, 5 dias. A Conferência de Líderes decidiu o debate para 2 dias, ontem e hoje.

Em qualquer país do mundo, o Orçamento Geral do Estado e as Grandes Opções do Plano é a discussão, por excelência política, entre a oposição e o Governo. Não há momento tão importante, na discussão, na generalidade, do Orçamento do que este momento, esta discussão e este debate. É aqui onde o Governo esgrime, de facto, o que pensa fazer, os planos, as realizações para o ano económico seguinte, e é o que fez e apresentou ontem, na generalidade.

Eu gostaria de aproveitar o púlpito para dar os parabéns ao Ministro das Finanças que, ontem, respondeu a algumas questões da oposição e das Sras. e Srs. Deputados mesmo da Bancada do ADI, quando era para responder, porque houve intervenções que não eram para ser respondidas, e ainda bem, é assim mesmo, e teve a humildade de responder e reconhecer até que houve uma ou outra falha, mas que será corrigida, porque o debate não termina só na generalidade. A discussão continuará na especialidade. Logo, os Deputados terão todos os documentos que ainda estão em falta. O próprio Ministro disse isso aqui e humildemente toda gente acompanhou. Felizmente, este debate está a ser transmitido em directo. Tudo o que se diz aqui as pessoas estão a acompanhar, para saberem de facto quem mente, quem não mente, quem diz a verdade e quem não diz a verdade. Logo, espero que hoje, último dia do debate na generalidade, os Deputados possam aproveitar este momento e dizer ao Governo aquilo que pensam sobre o próximo ano económico, a sua visão do Orçamento, e discutir na generalidade o Orçamento.

O que é isso de discussão na generalidade? É discutir os grandes princípios orçamentais. Estamos a falar o princípio de unicidade, princípio de universalidade, princípio de exclusividade, as linhas gerais do Orçamento, as opções políticas orçamentais do Governo, isto é, porquê dessa percentagem para aquele sector, qual é a visão do Governo para a educação, para infra-estruturas, para a saúde. Em linhas gerais, isto é que é debate na generalidade. Infelizmente, não vimos isso aqui ontem.

**Uma voz do MLSTP/PSD:** — Isso é aula ou quê?

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — E digo mais, espero que hoje de facto possamos discutir o Orçamento na generalidade, porque ontem não houve. O povo ouviu.

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — Onde estavas?

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — E mais, eu já disse e volto a dizer, é muito mais fácil, para mim, ser Deputado da oposição, porque quando somos Deputados do poder, fazemos o nosso trabalho, mas é o nosso partido que apresenta o Orçamento. Estamos alinhados nesta proposta de Orçamento e estamos convencidos de que este Orçamento apresentado dará resposta às preocupações do povo e à situação económica e social do País. Isso tira-nos margem, enquanto Deputados do poder, de fazer aquilo que a oposição devia fazer. É por isso que eu digo que é muito mais fácil ser oposição, na Casa Parlamentar, do que ser Deputado do poder.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Brevemente.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Tenho saudades...

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Vai voltar.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — ... daqueles 2 anos em que fui oposição aqui nesta Casa Parlamentar. Eu gostaria de voltar nessas situações. Não sei se estarei aqui mais, para voltar como deputado da oposição...

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Este ano.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — ...porque da forma como a coisa está, infelizmente, muitos anos ainda, este Governo do ADI vai continuar a realizar as suas obras para a satisfação das necessidades da população.

Eu havia dito, também há algum tempo atrás, numa das minhas intervenções, que eu, Levy Nazaré, como muita gente aqui também, não me vejo daqui a 20 anos a continuar nesta Casa Parlamentar, discutindo e debatendo com a geração dos meus filhos. Por isso, o meu tempo estará limitado. Acho que chegará um dia em que o povo vai dizer, «chega de Levy, também já estou cansado de Levy». E nesta altura...

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Deixa ele falar, está a ganhar tempo para o homem vir.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — ... ou porque o povo não me quer mais como seu representante, ou porque eu próprio acho que devo passar essa função para os próximos, para continuarem a discutir os orçamentos.

Usando o meu tempo, quero dizer ao Governo que as opções que tomou, neste orçamento, na minha opinião, vão ao encontro aquilo que o povo espera, vão ao encontro das necessidades do País e é um Orçamento coerente. Coerente, porquê? Porque é o seguimento do orçamento anterior. Logo, as acções que o Governo já começou a empreender terão continuidade com este Orçamento de 2018.

Para terminar, gostaria de dizer que São Tomé e Príncipe está a fazer história, política e democraticamente. Digo, não é o ADI, São Tomé e Príncipe está a fazer história, porque é a primeira vez, na nossa democracia, que um mesmo Governo discute o orçamento todos os anos de uma legislatura. É o quarto orçamento do Governo a ser discutido. Nunca aconteceu na nossa democracia. Por isso, parabéns para todos nós, parabéns para o poder, parabéns para a oposição. Significa que estamos num país estável politicamente e essa estabilidade foi sacrifício, luta de muita gente, de todos nós. Por isso, é bom que termine a Legislatura, para de facto virarmos a página e o povo poder continuar, como diz o nosso querido Deputado do UDD, encontrar soluções para o País, encontrar trabalho para os jovens, desenvolver a saúde, produzir mais e trabalhar mais para o bem de São Tomé e Príncipe.

É isso que eu gostaria de dizer e também que, como já disse na generalidade, o debate não se esgota por aqui. O debate vai continuar na especialidade e é na especialidade, também um outro momento muito importante, para mim é até o momento mais importante da discussão de um orçamento geral do Estado, porque esta parte, na generalidade, é apenas os grandes princípios, as grandes linhas, as grandes opções políticas e orçamentais do Governo. É mais política, mais *show* político. A parte mais técnica é na especialidade, onde se vai incidir de facto sobre algumas alterações que a oposição poderá fazer.

Logo, esta discussão de Primeiro-Ministro ou não Primeiro-Ministro, nem tem razão de ser, porque no momento da especialidade que é a parte mais importante da discussão do Orçamento o Primeiro-Ministro nunca está. Nem este nem os outros primeiros-ministros nunca participam no debate na especialidade. Poderiam até participar, mas normalmente são os ministros sectoriais que vão discutir com os Deputados o Orçamento na especialidade.

Por isso, eu termino desejando que de facto o povo que nos escuta possa ouvir da oposição qual é a sua posição sobre as orientações políticas orçamentais deste Orçamento apresentado. Estamos a discutir um documento...

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Interpelação à Mesa, Sr. Presidente.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — ... e esperamos que possa haver intervenção e um verdadeiro debate. Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Aérton do Rosário, para uma interpelação à Mesa.

A Sra. **Beatriz de Azevedo** (MLSTP/PSD): — O Deputado, quando jurou aqui na Casa Parlamentar, jurou para ...

O Sr. **Presidente**: — Sra. Deputada, o Sr. Deputado pediu a palavra.

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, peço a palavra para invocar o Regimento e pedir uma suspensão de 30 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, diga-me qual é o artigo e suspensão para quê.

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, o senhor tem assessores e podem ver invocação ao Regimento. 30 minutos, Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD.

O Sr. **Presidente**: — O senhor ao pedir, invoque-me o Regimento para eu saber como localizar rapidamente.

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, é regimental...

O Sr. **Presidente**: — Qual é o Regimento? Diga-me.

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Regimento da Assembleia Nacional, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Qual é o artigo?

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Artigo 81.º, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Quanto?

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Artigo 81.º, Sr. Presidente, do Regimento da Assembleia Nacional.

A Sra. **Beatriz de Azevedo** (MLSTP/PSD): — É a primeira vez que se pede suspensão?

O Sr. **Presidente**: — Em princípio, está a solicitar uma interrupção de 30 minutos?

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Sim.

O Sr. **Presidente**: — Está concedida e é regimental.  
Está suspensa a sessão.

*Eram 10 horas e 23 minutos.*

O Sr. **Presidente**: — Após esta pequena interrupção, vamos continuar com as intervenções das Sras. e Srs. Deputados.

*Eram 11 horas.*

Neste sentido, tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira, para uma intervenção.  
Sr. Deputado, já recomeçamos a sessão plenária, mas há muito ruído na Sala.

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, estamos no âmbito da discussão na generalidade do Orçamento Geral do Estado. De algum tempo a esta parte, não posso precisar em termos de anos, as várias lideranças partidárias e não só assumiram que para alavancarmos a nossa economia tínhamos que partir para alguns projectos estruturantes, e foram identificados dois: porto em águas profundas e o aeroporto. É com bastante satisfação que nós, o Grupo Parlamentar do ADI, vemos o Governo a dar mais um passo, e neste Orçamento para o ano económico de 2018. Vejo alguns Deputados a me olharem com um semblante bastante carregado, mas para aqueles que se calhar não viram os números, se forem para a secção de obras públicas, inclusive com a fonte de financiamento, vão ver o Governo a dar esse sinal, para alavancarmos a nossa economia, com a modernização do Aeroporto de São Tomé e Príncipe, obras para a modernização do nosso aeroporto.

Por mais que digam que é especialidade, é isso que o povo quer, é isso que o povo espera, é isso que São Tomé e Príncipe aguarda e, claro, as obras não podem começar sem o Orçamento. Está cá no Orçamento, é uma nota de felicitação ao Governo.

A população, sobretudo de Caué, de uma forma geral, reclama. Como disse alguém, os investimento públicos devem reflectir a melhoria das condições da população. É com satisfação que eu também vejo a construção de ponte para a Ribeira Peixe...

*Risos.*

...e vejo também o projecto de abastecimento de água para Santana. Portanto, de uma forma geral, esse Orçamento, do meu ponto de vista, espelha aquilo que é a vontade do povo são-tomense, e estamos no bom caminho.

Como eu disse, não vou entrar neste debate, mas o certo é que é um projecto estruturante, o País reclama e vamos ter um, que é esse aeroporto. Vejo aqui no Orçamento Geral do Estado e estamos de parabéns.



Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado, para uma intervenção.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Ministro de Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, muito bom dia.

Há bocado, ouvi um Deputado do ADI, fazendo a defesa do Orçamento. Estamos cá para discutirmos com o Executivo o Orçamento Geral do Estado, e não com os Deputados.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

Lamentavelmente, estava o que estava nesta Sala, no primeiro dia de debate. Com muita tristeza, pudemos dar conta de que o Sr. Primeiro-Ministro, estando presente, nenhuma só palavra pronunciou nessa sessão plenária, em defesa do seu Orçamento. Hoje, voltamos cá para dar sequência aos trabalhos, para chegarmos ao fim com a aprovação, na generalidade, desde mesmo Orçamento. E, como vêem, o Primeiro-Ministro não aparece. Ora, este é um espaço para que o Sr. Primeiro-Ministro possa demonstrar realmente que em São Tomé e Príncipe não há outra alternativa senão ele, responder às questões que se presam com a vida da população, com aquilo que ele mesmo projectou para o desenvolvimento deste país e das atrocidades que ele tem cometido durante todo o seu mandato. Não é possível que um Primeiro-Ministro só reserva o seu tempo para falar fora da sessão plenária, falar em sua casa, quando convida a comunicação social para, fora dos Deputados, dizer mentiras, enganar o povo, fazer *show off* e, no momento necessário, que ele deve estar presente para pessoalmente responder e discutir com os Deputados, dizer aos Deputados, cara a cara e olho no olho, as mentiras que ele fala lá fora, ele foge, tem medo.

Como é possível o Sr. Primeiro-Ministro agendar um debate do Orçamento Geral do Estado para hoje, ele pessoalmente agendou, porque sem o seu consentimento a Assembleia não agendaria o debate, poderia ter agendado para amanhã ou para outro dia, não precisamente hoje, ontem fez corpo presente e hoje está totalmente ausente. Eu gostaria de perguntar, realmente é este o Primeiro-Ministro que se diz ser o homem para governar São Tomé e Príncipe? Parece-me que de educação não tem nada, de respeito pelos órgãos não tem nada. Quando se fala de presidência da República, o Sr. Primeiro-Ministro responde lá fora; quando se fala da Assembleia Nacional, o Sr. Primeiro-Ministro responde lá fora, quando se fala do Tribunal, o Sr. Primeiro-Ministro responde lá fora e, quanto se trata de falar do Governo, naquilo que é a sua matéria, sua área de acção, ele foge. Como é que vamos discutir o Orçamento Geral do Estado sem a presença do Sr. Primeiro-Ministro? Em que parte do mundo se viu uma coisa destas? Estamos num debate na generalidade. Na sala de especialidade, teremos 10 dias para estar com os Ministros, tête-à-tête, mas na generalidade, dois dias a cinco dias, é para estarmos com o Primeiro-Ministro. O Primeiro-Ministro não pode faltar-nos respeito e desaparecer, nem dizer nada, e estarmos aqui na Sala a dizer que estamos a aprovar o Orçamento Geral do Estado.

Srs. Deputados, os senhores são do Partido ADI, vão discutir este Orçamento sozinhos, porque da nossa boca não sairá nenhuma palavra aqui, porque não vamos discutir convosco. Vamos discutir com o Primeiro-Ministro, quando ele estiver cá. Ou o Sr. Presidente suspende esta sessão e manda o Primeiro-Ministro vir cá discutir connosco, ou então não discutiremos convosco.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira, para uma intervenção.

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, penso que aqui há uma tentativa de a oposição nos tirar dos carris, mas não vamos sair dos carris. Querem desviar o debate, estão a sair do essencial, mas o Sr. Vice-Presidente, o Sr. Deputado Levy Nazaré, do meu grupo parlamentar, fez tentou centralizar o debate naquilo que é o essencial, a discussão na generalidade.

Vejo que há um sentimento e amor e ódio por parte da oposição, sobretudo do Deputado Jorge Amado, pelo Primeiro-Ministro, Patrice Trovoada. Ele quer ver pessoalmente o Primeiro-Ministro, depois para discutir. Como chegou atrasado, parece que não está a acompanhar o debate, quer dizer, o seu grupo parlamentar já pediu regimentalmente a suspensão uma vez e ele não o tem direito de pedir mais suspensão.

Penso que ontem fizemos um exercício bastante interessante, porque, como advogaram alguns Deputados, e com razão, tínhamos que fazer primeiro uma análise da execução orçamental e desempenho do Governo, fez-se esse trabalho, e hoje, o que é que esperaríamos que acontecesse, a evolução, o passo seguinte? O passo seguinte significa o quê? O Governo apresentou, em linhas gerais, aquilo que é a política orçamental e com algumas metas, em termos de défice orçamental, aquilo que é a inflação e estabeleceu mecanismos ou caminhos para chegar a essas metas. E o que é que estamos a ver da oposição? Tragam propostas, digam que essas metas não correspondem à realidade do País e traga uma

contra-proposta. Isso sim é um debate salutar, e é isso que queremos. Desafio a oposição a fazê-lo agora. Se não o fizer, está a fugir ao debate.

Muito obrigado.

*Murmúrios do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, os Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: Desde ontem que tenho estado a fazer um esforço de contenção, para não participar neste debate, porque das coisas que eu tenho estado a ouvir, também se calhar tenho saudade, mas a minha saudade é porque os Deputados do poder, de algum tempo que tenho passado nesta Casa, sempre souberam comportar-se em defesa do Governo, mas deixar que o Governo prove a sua competência. Nunca fazer o papel de um membro do Governo, porque eles estão cá e é para isso que estamos aqui presentes. Eles não pediram, mas se pedirem, então digam «vou responder em nome do ministro A, B ou C, porque ele me pediu». Não fazendo isso, é passar um certificado de incompetência ao membro do Governo, quando eles, neste caso, são competentes, é por isso que fizeram o seu orçamento e estão cá.

Eu gosto muito de reconhecer as coisas que estão bem-feitas e também dizer as coisas que estão mal feitas. Ouvi cá...

**Vozes do ADI**: — Está aqui o deus. Deus já chegou.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Estou à sua espera, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Pode continuar a sua intervenção, Sr. Deputado.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Obrigado.

Ontem, ouvi cá alguém dizer que estamos no mês do carnaval e eu fiquei um tanto ou quanto perplexo, porque aqui neste espaço não se faz carnaval. Pelo que eu saiba, nem sequer é um palco para espectáculos. É um palco para tratar de coisas sérias, cada um à sua maneira, mas tratar de coisas sérias.

Também ouvi cá alguém falar de saudades, porque enquanto estive na oposição, fez uma oposição credível, honesta, apresentando propostas, alternativas, mas eu por acaso estive cá nesta Sala, nesse período de 2012 a 2014, e não vi o grupo parlamentar da oposição de então apresentar uma única proposta de alternativa...

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Kei! Não é verdade!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — ...uma única, eu repito. Se tiver, que apresente provas, para contrariar.

Também ouvi ontem que se esta a evoluir, fiquei com a impressão de que efectivamente estão a reconsiderar aquilo que foi o passado, porque dizer que tenho saudades daquilo que eu vi em 2012 e 2014, é uma vergonha pública, porque aquilo que se passou aqui foi uma vergonha pública. Se estamos a evoluir, é melhor ficarmos mesmo na evolução e não recordar o passado, porque não nos fica bem.

Nós estamos aqui para discutir o Orçamento Geral do Estado, na ...

**Uma voz do ADI**: — Generalidade.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — ...generalidade desculpem. Obrigado pela ajuda.

Ouvi ontem o discurso introdutório do Primeiro-Ministro, que traçou as linhas gerais do seu Orçamento. Por aquilo que entendemos, tal como ele próprio dizia, não difere muito daquilo que foi o Orçamento Rectificativo que aqui aprovámos, em meados de 2017. Isso só vem nos dar razão. Dar razão porquê? Na altura, dissemos que, estando próximo do fim do ano, estando já na altura de se fazer um orçamento para o ano económico de 2018, que não havia necessidade de um orçamento rectificativo. Fê-lo, opção do Governo, muito bem, mas hoje vem dizer que não difere. Se não difere, por que é que o fizemos?

Sobre aquilo que está no Orçamento, nós a oposição, sobretudo do Grupo Parlamentar do PCD, apreciamos, no período da discussão na especialidade, vamos discutir os sectores, alguns *itens* que julgamos ser desnecessários, porque pensamos que o Estado precisa sim de receita, tem que recorrer aos impostos para obter receitas, mas tem que haver equidade social. Não se pode nem se deve ter um imposto de forma generalizada, para aqueles que têm rendimentos pagarem exactamente o mesmo valor que aqueles que têm um rendimento médio, exactamente o mesmo para aqueles que não têm sequer rendimento, porque não têm emprego. Acho que deve haver uma equidade social para aqueles que ganham mais ou têm mais rendimento pagarem mais, aqueles que têm o rendimento médio pagar o razoável e

aqueles que não têm rendimento deviam ser isentos, porque se for de forma geral, aquilo que temos estado a assistir e alguns pacotes legislativos que ainda estão em curso cá nesta Assembleia, irão sacrificar muito mais aquele povo que se apelidou de povo pequeno. Recuso que haja dois níveis de povo. O povo é uno, as possibilidades de cada um é que é diferente.

Muito Obrigado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, peço a palavra para direito de resposta.

O Sr. **Presidente**: — Direito de resposta a quê. Houve alguma injúria?  
Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado, para direito de resposta.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, acho que o Sr. Deputado Abnildo equivocou. Eu não pedi a suspensão da sessão plenária. Eu disse sim que o grupo parlamentar da oposição não iria participar neste debate. Ora, o Sr. Deputado parece que tomou muita hóstia e entende mal quando se fala. Mas costuma-se dizer que é preciso fazer guerra para haver paz. Eis que o Primeiro-Ministro, estando em sua casa, ouvindo a nossa intervenção aqui na plenária, dando conta de que o Orçamento não iria ser aprovado com a nossa correspondência, decidiu então comparecer...

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado pediu a palavra para direito de resposta, ao que entendi, à proposta que o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira avançou, mas o Sr. Deputado está a transcender completamente aquilo que está no âmbito do direito a resposta...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Estou no âmbito do direito a resposta.

O Sr. **Presidente**: — Pelo que eu entendo do Regimento, o direito de resposta tem a ver com alguma injúria, alguma falta de respeito a sua pessoa, não é nada disso...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Estou no âmbito do direito a resposta.

O Sr. **Presidente**: — O direito a resposta tem o seu próprio artigo. Então é uma intervenção, Sr. Deputado, e assim conta o tempo.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — O senhor que conte o tempo.

Sr. Presidente, na minha última intervenção, eu disse que o grupo parlamentar da oposição só iria participar neste debate com a presença do Sr. Primeiro-Ministro e eis que o Sr. Primeiro-Ministro, provavelmente em sua casa, se apercebeu de que sem a sua presença aqui este orçamento não iria ser debatido, não iria ter participação da oposição e o que é muito mau e teve o bom senso em comparecer aqui. Por essa razão, retiro o que havia dito anteriormente e vamos participar no debate.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputada Levy Nazaré, para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, penas para confirmar perante todos que nos escutam aquilo que havia dito, que o debate irá acontecer com a presença de Sua Excelência Primeiro-Ministro, que já está na Sala. Aproveito então a oportunidade, espero que os Deputados possam trazer de facto alguma elevação a este debate, assuntos essenciais que dizem respeito ao Orçamento para 2018. Discussão na generalidade, onde possam trazer opções de políticas orçamentais apresentadas pelo Governo e que o povo possa acompanhar e assistir e também, porque não, aprender, de forma que o nosso trabalho aqui seja um trabalho exemplar e acompanhado pelas pessoas que querem ver um debate parlamentar como deve ser.

Então, a oposição e os Deputados do poder também têm essa oportunidade, para debatermos, já que só temos dois dias para o debate, foi assim decidido em Conferência de Líder, e hoje é o último dia para o debate na generalidade.

Eu gostaria, muito brevemente, de pedir ao Governo para que, nesses meses que faltam ainda à Legislatura, acelerasse algumas reformas. Algumas delas já começaram, mas peço desculpa, só para trazer algumas que, na minha opinião, já estão a sortir algum efeito positivo, que é a questão de Infra-estrutura. O Ministério de Infra-estrutura, por ser um Ministério onde as acções são mais visíveis, que continue com a ajuda dos parceiros que ainda estão em São Tomé a nos ajudar no caso do sector da Energia e Água.

Gostaria também de realçar aqui a reforma no Sector da Educação que, no início da Legislatura, muitas pessoas não entendiam o alcance da reforma que o Ministério da Educação estava a implementar e, na altura, acho que tive uma intervenção aqui, dizendo que normalmente as reformas não têm um resultado visível de imediato. As reformas levam algum tempo até as pessoas compreenderem e acho que, passando 3 anos, já se começa a entender e a sentir aquilo que, em 2, 3 anos atrás, as pessoas não entendiam, no sector da Educação.

Sr. Ministro, muito bem, ouvi-o há dias dizer que temos que passar agora à fase do ensino de qualidade.

Também no Sector da Justiça, para realçar aqui a dinâmica que a Sra. Ministra da Justiça trouxe a esse Ministério, trouxe ao Governo, no Sector da Justiça, ainda mais com a intervenção de um grupo de cidadãos da sociedade civil, que vem complementar de facto essa necessidade que o País tem urgente de reformar o Sector da Justiça, nos meses que nainda temos e espero que o próximo Governo que virá depois das eleições, seja do ADI, que continue a fazer essas mesmas reformas.

Ainda sobre a Justiça, acredito piamente, já disse e repito aqui, que reformando Sector da Justiça, principalmente os que em nome do povo administram a Justiça, se fizerem o seu trabalho, acredito que encontraremos o caminho, não único, mas um grade reforço para o caminho de desenvolvimento que se pretende. Porque é necessário começar-se a responsabilizar as pessoas e é lá na Justiça, na administração da Justiça, onde se começa a responsabilizar todos, não só os políticos, os dirigentes, os administradores públicos, como qualquer cidadão que infringir e violar as normas da sociedade são-tomense. Logo, acredito piamente que encontraremos de facto o sucesso, o caminho para o desenvolvimento, quando a Justiça começar a contribuir para esse mesmo desenvolvimento.

Para terminar, no dia que isso acontecer, muitos Deputados não encherão o peito e a boca para virem aqui falar, porque não estarão mais nesta Casa.

O Sr. **Presidente**: — Mais intervenções.

Tem a palavra o Sr. Deputado Danilson Cotú, para uma intervenção.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu Elenco, Sras. e Srs. Deputados, bom dia.

Tenho pouco tempo e por isso vou ser breve.

Tenho algumas preocupações e gostaria de obter algum esclarecimento.

Creio ter sido no mês passado que o Governo, através do Ministério da Juventude e Desporto, fez uma cerimónia de validação da política estratégica para a juventude e eu não queria entrar nos meandros disso, porque uma coisa vem na base da recomendação da Carta Africana da Juventude, que é a política para a juventude, e outra coisa é a estratégia para a juventude. Coisas diferentes, mas decidiram fundir em uma só. Não sei até que ponto isso encontra sustentabilidade, mas o que eu gostaria de saber do Governo é como é que os aspectos dessa política estratégica encontram suporte neste Orçamento de 2018. Esta é a primeira preocupação.

Outra preocupação que trago para o Governo tem a ver, em termos políticos, com a questão da segurança em São Tomé e Príncipe, concretamente a questão da segurança marítima. No ano passado, todos lamentamos o desaparecimento, de forma interrogada, porque ninguém sabe ao certo o que se passou com o navio Santo António. Até hoje não temos uma explicação acabada sobre isso, portanto, gostaria de conhecer, em termos gerais, se possível for, alguma informação sobre a situação das buscas do navio Santo António e informações sobre a segurança marítima.

Outro aspecto que eu trago aqui tem a ver com a questão, em termos de políticas do Governo, para sustentabilidade das remunerações dos funcionários. Digo isto porque, quando no acto do contrato se tem direito ao salário e subsídio, já contraem compromissos na base do salário e de subsídio. As informações que tive apontam para, por exemplo, o pessoal do GIME, há 4 meses sem receber os seus subsídios, inclusive a informação que tive é que, no caso do GIME 10, recebeu-se os materiais e se disse às pessoas que estavam todas dispensadas.

Os motoristas dos autocarros, aqueles senhores que de madrugada saem das suas casas para carregarem as nossas crianças para as escolas, pelas informações que tive, estão há 4 meses sem subsídios.

O CADR, também vai a qualquer coisa como 5 meses sem o subsídio, ou seja, no fundo, o que gostaríamos de saber do lado do Governo é o que há, em termos de política, para sustentabilidade, uma vez que há um salário e se promete o subsídio, então as pessoas já contam com isso no seu todo.

Vou pedir paciência ao meu grupo parlamentar para mais uma nota breve, para falar mais um pouco sobre a questão da reforma de Justiça e deixar aqui já a preocupação do PCD com relação a esta reforma.

Se é que efectivamente todos nós estamos de acordo que há necessidade para uma verdadeira reforma da Justiça, é também verdade que não estamos todos de acordo quanto ao caminho que se pretende para atingir esta reforma da Justiça.

Eu não vou entrar em detalhes do aspecto, mas da análise que temos vindo a fazer ao nível do PCD, entendemos que no fundo o que está em causa é uma estratégia para tornar o Sector da Justiça, neste caso estou a referir-me concretamente aos Tribunais, numa espécie de departamento de um Ministério afecto ao Governo. No nosso entender, isso mata a essência do princípio de separação de poderes e pode tornar sim o País um país pouco aconselhável para investimentos estrangeiros. Neste sentido, se for possível, também gostaríamos de ouvir alguma reacção do Governo.

O Sr. **Presidente**: — Gostaria de saber a reacção do Governo. Há estas perguntas colocadas e já excederam praticamente ao número das perguntas aqui acertado.

Tem a palavra o Sr. Ministro das Finanças e Economia Azul, para uma intervenção.

O Sr. **Ministro das Finanças, Comércio e da Economia Azul** (Américo Ramos): — Obrigado Sr. Presidente.

Vou responder a algumas questões aqui levantadas, pelo Sr. Deputado do Grupo Parlamentar do PCD, Danilson Cotú.

Em relação à estratégia da juventude, certamente o Sr. Ministro depois dará mais pormenores, mas sei que é uma estratégia financiada e sustentada pelos parceiros, daí que encontrará o próprio enquadramento nas acções desses parceiros. Estou a falar da UNICEF e outros parceiros que nos têm ajudado nesse sentido.

Segurança marítima. Está visível a chegada do navio português que vem neste sentido, reforçar a patrulha e a fiscalização dos nossos mares. Daí que, para além das acções correntes do Governo com os serviços que temos e que sabemos que são escassos, temos agora essa cooperação com Portugal, com a presença do barco que servirá de patrulha às nossas águas.

GIME e os outros subsídios, temos pago. Temos atraso de 2 meses, porque eram 4 meses no total, mas pagamos 2 meses no final do ano e, com a aprovação do Orçamento, vamos pagar e ao longo do ano vamos cumprir com algo que sabemos. Reconhecemos o atraso, que já vinha nos anos anteriores.

Há sustentabilidade e temos o garantido durante esta Legislatura. Se compararmos com aquilo que era o acumulado em relação à dívida dos subsídios do GIME e o que está agora, há uma grande distância.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Ministro da Defesa e Administração Interna, para uma intervenção.

Sr. **Ministro da Defesa e da Administração Interna** (Arlindo Ramos): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Caros Colegas, Sras. e Srs. Deputados, bom dia.

Em relação à questão levantada pelo Sr. Deputado Danilson Cotú, eu gostaria só de dizer que é verdade que não temos, neste momento, informações concretas sobre o que aconteceu com o navio Santo António. Sabe que o País não tem meios próprios para localização de um navio no fundo do mar, mas o que fizemos foi pedir aos parceiros que nos ajudassem a localizar esse navio. É neste âmbito, no quadro do programa geral de cooperação com Portugal, que neste momento temos um navio patrulha oceânico que vai nos permitir fiscalizar e ao mesmo tempo tentar localizar o navio Santo António.

Obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputada Arlindo Barbosa, para uma intervenção.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco, Sras. e Srs. Deputados: Ontem, eu tinha feito um pedido ao Sr. Ministro das Finanças e volto a colocá-lo. Era para que nos fornecesse o mapa actualizado da dívida pública, tanto interna como externa, durante este mandato. Estamos no fim da Legislatura e é preciso termos uma apreciação de qual é a nossa dívida pública e espero que o Sr. Ministro me dê esclarecimento com relação a isso.

Outro aspecto é que o Sr. Ministro das Finanças falou aqui do GIME e disse que deviam 4 meses e pagaram 2 meses, em Dezembro. Já estamos no mês de Fevereiro, quer dizer que a dívida voltou a subir para 4 meses e é por isso que eu gostaria de um esclarecimento pontual de quanto é que se deve ao GIME, actualmente.

Não podemos analisar este Orçamento sem de facto ter em conta o Programa que o Governo apresentou para esta Legislatura, ou seja, o período 2014-2018, onde o Governo estabeleceu dois eixos fundamentais para esta Legislatura de 4 anos, que passo aqui a recordar aos caros Deputados. O primeiro eixo é «apostar no crescimento económico gerador de emprego» e o segundo eixo é «apostar na coesão social e credibilidade externa», com uma vertente muito clara, que é a política deste Governo, a redução da pobreza. Na base desses dois eixos fundamentais, o que se assiste é a degradação das condições de vida das nossas populações, a subida exorbitante dos preços dos produtos de primeira necessidade, uma situação económica social cada vez pior, finanças públicas que não conseguimos caracterizar, obras lançadas sem financiamentos e é por isso que tenho que dizer que há um aumento da dívida pública, tanto interna como externa. Por isso é que aqui exigimos que nos apresente o quadro da dívida pública durante o mandato deste Governo, porque contradiz com aquilo que é o Programa e os eixos que o Governo estabeleceu para esta governação.

Ora vejamos e aqui vou identificar, por factor de tempo, apenas alguns sectores, questões muito concretas daquilo que o Governo prometeu. Por exemplo, no capítulo ou no Sector da Saúde, e porque isso foi uma promessa do Governo, porque disse aqui no seu Programa que iria implementar o sistema de Seguro de Saúde, gostaria de obter esses esclarecimentos.

Em relação a Educação, Sr. Ministro, pelas informações que tenho, a questão da alimentação escolar não está garantida. Tenho informações de que há centros de educação que já há 2 ou 3 meses a alimentação escolar não é assegurada.

O Sr. Primeiro-Ministro anunciou ao País uma verba que eu não vejo enquadramento neste Orçamento. Tem a ver com a questão dos livros, ou seja, manuais escolares, em um valor de 6.5 milhões, me perdoe, mas penso que é em euros. E a pergunta é: por que é que não está no Orçamento de 2018 e para quando essa implementação, quando o Governo nos diz que quer um ensino de qualidade e passados 3 anos essa política não foi desenvolvida ao nível do ensino básico? Hoje, para as crianças do Ensino, desde a 1.ª classe, os manuais estão a cerca de 10 euros, o que é equivalente a 250 000 dobras. Só agora, no fim da Legislatura deste Governo, é que anuncia manuais escolares e não vejo aqui enquadramento no Orçamento.

É Eu não vou para política de energia e água que se falou muito, mas atentamente ouvi o Sr. Primeiro-Ministro fazer referência a energia 24 sobre 24 horas em todos os distritos e quero pegar o distrito onde vivo, que o Distrito de Lembá.

O Governo fez uma extensão até a Vila de S. Catarina, que abrangeu cerca de cinco comunidades. Para quem conhece Lembá, não vale a pena falar o nome dessas comunidades, deixou pelo caminho cerca de 12 comunidades e na apresentação do seu relatório faz referência de que tem energia 24 sobre 24 horas nas regiões e distritos, por aí fora.

Diáspora. Não podemos estar a falar de orçamento sem dar uma vista de olhos naquilo que foi prometido em 2014 para uma legislatura de 4 anos e dei atenção a alguns aspectos que eu passo a ler, em relação à inclusão da diáspora: «Estender o direito de votos nas eleições legislativas aos são-tomenses residentes no estrangeiro». Sr. Primeiro-Ministro, peço esclarecimento em relação a isso, pelo facto de estar a receber algumas informações em relação a isso. Mais, «encorajar e apoiar os são-tomenses das diásporas no estabelecimento de infra-estruturas sólidas e credíveis nos seus respectivos países de acolhimento, com vista a defender os seus interesses e necessidade do direito. Oferecer um melhor serviço de apoio a assistência consular aos são-tomenses e residentes nos estrangeiros.» E, por último, só apenas pequenas coisas, «mobilizar e alavancar os investimentos e extracção de empreendidos pelos homens de negócio e empresário nas diásporas». Eu gostaria de saber qual é o nível de cumprimento dessas promessas desses itens que foram aqui aflorados no seu Programa. Em que ponto está? Até o fim da legislatura, cumprirá o resto que falta?

Poder local, asfixia total. Contradiz tudo aquilo que é. Houve uma política de descentralização para permitir reforçar aquilo que é a capacidade do poder local, em termos do seu funcionamento, mas o que se assiste hoje... e tomamos o exemplo disso, porque o nosso grupo parlamentar, para ver *in loco* aquilo que são as preocupações do poder local, desenvolveu visitas, onde fomos impedidos por algumas câmaras que infelizmente não vale a pena citar.

Aqui agradecer as Câmaras de Água Grande e Lembá que nos receberam. Os Presidentes dessas Câmaras até é que prometeram receber-nos.

Falando de Cauê em concreto, quando em 2017, por exemplo, tinha uma programação para o investimento público de cerca de 10 milhões e nas negociações com o Governo o mesmo reduziu para dois milhões e qualquer coisa. Pelo facto de termos feito a visita, o Governo disponibilizou, naquele mesmo ano, 750 milhões de dobras, que não resolveu qualquer nada. Passando um ano e pouco, até então, não entrou qualquer verba de investimento público. Isso é uma asfixia total do poder local, quando no Programa dizemos que vamos dar melhor atenção. Isso é matar os Presidentes das Câmaras e o poder local.

Ontem, ouvi bem, e aliás foi reforçado por um Sr. Deputado, não cito o nome para não ter direito de resposta, que é um orçamento de contenção de despesas, e foi dito por um Deputado do poder. É preciso que tenhamos cautela, porque no Orçamento fala-se de números. É preciso dizer onde é que está essa contenção de despesas, porque se não nos obrigam a fazer rapidamente um estudo e eu tive a curiosidade de pegar, porque não tive tempo, um ou dois itens para justificar essa afirmação de contenção de despesa. Fui buscar viagens, por exemplo: em 2015, havia uma verba de 1 516 000 000 00 (um bilhão, quinhentos e dezasseis milhões de dobras) para viagens, no Gabinete do Sr. Primeiro-Ministro. Em 2016, manteve-se, em 2017, subiu para 1 673 000 000 00 (um bilhão, seiscentos e setenta e três milhões de dobras) e agora, em 2018, quando estamos na contenção de despesa e que este Governo tem pouco tempo para terminar a Legislatura, foi para 2 bilhões de dobras. Por isso é que é preciso acautelarmo-nos e informar o povo. Aqueles que estão atentos àquilo que é o Orçamento Geral do Estado, podem de facto fazer essa comparação.

Outro aspecto, peço ao meu grupo parlamentar a indulgência do tempo que eu estou a levar, Sr. Ministro, como é que conseguimos perceber esse aumento de 28%, no Sector de infra-estruturas, para esse ano, quando estamos há 8 meses do fim da Legislatura e, em 2016, o sector de Infra-estrutura não foi prioritário para o Governo? Em 2016, tínhamos o serviço público com 33%, Saúde com 14,5%, Agricultura e Pescas com 8%. Significa dizer que a Infra-estrutura estava a baixo de 10%, em 2016, e hoje, em 2018, o Sector de Infra-estrutura foi para 28%. Como cumprir, se em 2016 tínhamos uma programação inferior a 10% e não cumprimos a execução aos 100%? Significa dizer que vamos ter lançamentos de pedras de obras que não vão ser concluídas, nesse fim da Legislatura. Por isso é que eu gostaria de saber como é que o Governo consegue conceber e realizar os 28% do Orçamento, em relação ao sector de infra-estruturas.

Eu tenho mais questões, mas por razões de tempo, Líder, peço desculpas por alongar, término por aqui.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado António Barros, para uma intervenção.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e o seu elenco, com excepção de Sua Excelência o Sr. Ministro da Defesa. Depois explico por que é que coloquei o Sr. Ministro de fora deste cumprimento.

Sr. Ministro das Finanças, ontem já não tive tempo para reagir à resposta que deu em relação à situação da ligação marítima. Foi das poucas vezes que saí daqui satisfeito com uma resposta e vou ficar à espera que haja evolução nesse sentido. É mais uma solução de momento, enquanto não houver outra, mas quero chamar a atenção do Governo que o buraco é mais em baixo e isto é apenas uma alternativa, não resolve totalmente o problema.

Eu também quero aqui reagir à resposta que o Sr. Ministro da Defesa deu em relação ao desaparecimento do navio Santo António. Registei uma frase do Sr. Ministro: «*o País não tem meios para localizar navios no fundo do mar*». Bom, creio que com isso o Governo acaba de reconhecer que o Navio Santo António está no fundo do mar. São suas palavras e estão gravadas. Agora, o que quero saber, já que o Governo admite que o navio está no fundo do mar, o que é que o Governo fez ou tem feito para apurar as causas desse afundamento. Não sei se temos piratas no alto mar, se foi uma questão de carregamento mal feito ou se foi um defeito que o navio tinha, não é, portanto, para mim é necessário que se esclareça tudo isso, porque só conhecendo a causa do naufrágio é que podemos evitar o outro. Portanto, faço esta intervenção na base das suas declarações, quando diz que o País não tem meios para localizar navios no fundo mar.

Só para explicar rapidamente por que é que excluí o Sr. Ministro da Defesa da lista dos cumprimentos. Não é porque não quero cumprimentar o Sr. Ministro, sou um Deputado com sentido de Estado, com ética e com educação e isto me obriga a passar por qualquer um, não só ministros, não só Presidente da República, mas qualquer cidadão, e saudar-lo. É uma educação que é caseira. Se eu excluí o Sr. Ministro, foi por um pedido dele, através do seu gesto. Eu até levei algum tempo para descobrir por que é que o Sr. Ministro já não queria me cumprimentar e depois vim descobrir que foi por causa da questão do Navio Santo António. No intervalo, cruzei com o Sr. Ministro, estendi-lhe as mãos, fiquei com as mãos estendidas e o Sr. Ministro disse que não queria me cumprimentar.

Bom, era só para justificar por que é que também não lhe cumprimentei. Atendi apenas a um pedido do Sr. Ministro, para não ficar que eu respondi na mesma moeda.

Agora, aproveito a ocasião para também solicitar aos demais Ministros se há mais alguém que não quer ser cumprimentado por mim. Que me mande uma mensagem, porque eu não quero mais correr o risco de ficar com as mãos estendidas.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sra. Deputada Maria de Cristo, para uma intervenção.

O Sr. **Maria de Cristo** (PCD): — Bom dia Sr. Presidente e obrigada por me ter concedido a palavra.

Bom dia Sr. Primeiro-Ministro e o seu elenco, bom dia Sras. e Srs. Deputados.

A minha intervenção aqui focaliza-se em dois aspectos.

Para retomar a questão das diásporas, o Deputado que me antecedeu aqui falou das diásporas e de alguns aspectos que estavam programados pelo Governo lá nas diásporas. Retomo a questão, para trazê-la aqui internamente para o nosso país e é daí que eu gostaria de saber, porque de facto também não constatei no Orçamento e nas GOP nenhuma acção pertinente que conduza à promoção da diáspora aqui internamente, ou seja, criação de mecanismos que levem as diásporas a trazerem as suas remessas para São Tomé e Príncipe e fazerem coisas concretas aqui no nosso país. Sabemos que muitos que estão nas diásporas querem enviar alguma poupança e aplicá-las aqui.

Que condições estão criadas para que as diásporas se sintam também cidadãos nacionais? Estão lá, mas muitas vezes nem querem lá estar. Então, que condições estão criadas para que depois desta fase de imigração consigam chegar aqui e ter condições favoráveis para se instalarem?

Temos o caso de Cabo Verde, cujas remessas de imigrante ajudam e dão a sua contribuição no que diz respeito ao desenvolvimento económico, porque as remessas de imigrantes são divisas que entram para que também possam contribuir para o desenvolvimento económico.

A segunda pergunta que eu tenho e que eu gostaria de saber é, como é que o Governo está a lidar com esta situação, porque não denotei acções concretas que me convencessem, nas GOP e no OGE, e sabemos que temos uma superfície territorial inferior ao mar e estamos com um mar com cerca de 160 km, superior à terra, e não constatei medidas que pudessem contribuir para promover o tal desenvolvimento económico que esperamos, através da nossa potencialidade. Aliás, uma das potencialidades maiores que temos que é o nosso mar.

Muito obrigado.

*Entretanto, assumiu a presidência o Sr. Vice-Presidente, Levy Nazaré.*

O Sr. **Presidente**: — Dando seguimento aos nossos trabalhos, segundo aquilo que soberanamente a Assembleia decidiu, depois de 3 intervenções, em que houve algumas questões ao Governo, solicito ao Governo respostas a essas mesmas perguntas.

Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira, para um pedido de esclarecimento.

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, a minha intervenção vem na sequência da intervenção do Sr. Deputado Arlindo Barbosa. Fiquei com uma dúvida, por isso, o pedido esclarecimento, quando falou da questão da dívida. Temos cá na página 22, quadro 2, a evolução do stock da dívida pública até Setembro. Na sua intervenção, deixou-me com alguma confusão, porque não sei se se refere ao mesmo documento ou se é outro.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — É um pedido de esclarecimento ao Sr. Deputado Arlindo Barbosa, caso queira responder.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — O Sr. Deputado não entendeu a minha pergunta. Não estou a fazer referência só ao ano 2018 e mesmo o 2018 está desactualizado. O que estou a pedir é durante a Legislatura.

*Murmúrios.*

O Sr. **Presidente**: — Não entremos em diálogo. Esclarecimento feito.  
Tem a palavra o Sr. Ministro da Educação.

O Sr. **Ministro da Educação, Cultura, Ciência e Comunicação** (Olinto Daio): — Antes de mais, gostaria de cumprimentar Sua Excelência o Sr. Presidente, o Sr. Vice-Presidente e igualmente as Sras. e os Srs. Deputados aqui presentes.

Venho responder às questões levantadas pelo Sr. Deputado Arlindo Barbosa, no que diz respeito a alimentação escolar e manuais escolares.

Em relação à alimentação escolar, o Deputado disse que há 3 meses que as escolas não têm alimentação. Estamos em Fevereiro, dia 8 de Fevereiro. O primeiro período terminou em Dezembro, as escolas tiveram a alimentação escolar. O segundo período iniciou em meados de Janeiro, quase há 1 mês e algumas escolas ainda não deram a alimentação escolar por causa dos desbloqueio de recursos financeiros para a aquisição.

É preciso que nos lembremos de que já há alguns anos a esta parte o Estado são-tomense tem assumido na totalidade os custos da alimentação escolar. Já não são os parceiros. Portanto, é o Estado são-tomense. Esse desbloqueio nem sempre acontece, tendo em conta a logística e a disponibilidade de algumas lojas em fornecer os produtos, sobretudo os produtos secos. Quando os concursos são lançados, por vezes entregam os produtos com alguns atrasos, mas no primeiro período houve alimentação. Portanto, terminou Dezembro e não são 3 meses. Há praticamente 1 mês, neste segundo período.

Em relação à questão sobre os manuais escolares, o Sr. Deputado abordou três sub-questões. A primeira era para saber se está no orçamento. Está no orçamento, no Gabinete do Ministro, no item 60/62.

A segunda sub-questão era para saber por que é que estamos a fazê-lo agora, no final da Legislatura. Bom, o facto de estarmos no fim da Legislatura não significa que, em 2018, temos que ficar parados a ver o tempo passar. Acho que até o último dia da Legislatura o Governo vai desenvolver as acções com vista a cumprir o seu Programa de governação e também deixar acções que possam ter continuidade na próxima legislatura, por outro Governo. Acções são de curto, médio e longo prazo, e está questão de manuais escolares envolve várias dimensões. Não é só questão de impressão, mas concepção, participação pedagógica, é um processo que já iniciamos desde 2016 e está em curso. Tem a fase de negociação com as editoras e a sua implementação vai desde o manual para educadores da pré-escolar e da primeira classe até o 12.º ano, portanto, manuais para professores e alunos. São muitos manuais e requer uma preparação, para não termos problemas, como outros países tiveram. Como recentemente Cabo Verde teve e Timor-Leste também.

A concepção e produção desses manuais é um processo de 3 anos. Iniciamos no ano passado e estamos a fazer de tudo para que no próximo ano lectivo, de acordo com a sequência que estabelecemos, algumas classes já terão esses manuais, e sucessivamente, durante 3 anos.

Vale a pena aqui frisar, ainda na sua segunda sub-questão, que no secundário nunca tivemos manuais. Desde que estudei no liceu, na década de 80, até aqui, tenho informações, não tivemos manuais no secundário. Aqui engloba também o secundário, haverá manuais para o secundário. No básico, existe manual e o que vamos fazer agora é a revisão e actualização desses manuais. Portanto, existe manual no Ensino Básico e estamos agora, em 2018, tem 10 anos a nível do seu conteúdo, e é preciso revê-lo,



actualizá-lo. Também, em algumas disciplinas, não temos os manuais porquê? Porque na dinâmica que se usou, a estratégia é para que houvesse uma reutilização dos manuais e nem sempre se conseguiu recuperar os manuais nas mãos dos alunos. Portanto, algumas escolas e alguns distritos não tiveram a possibilidade de ter manuais de algumas disciplinas.

Em relação à questão de manuais, creio que está claro.

Se houver mais questões, podemos responder.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Qual é a pagina?

O Sr. **Ministro da Educação, Cultura, Ciência e Comunicação**: — Item 60/62 do Orçamento.

Mais um detalhe, o financiamento é para em 3 anos, portanto, 2018, 2019 e 2020. Há uma parte que vai ser financiada pelo Estado são-tomense e a outra parte estamos a discutir com os parceiros, para o financiamento. A parte que temos aqui é para este ano. Como negociamos por fases, segundo a produção dos manuais, são produzidos ao longo de 3 anos.

O Sr. **Presidente**: — Obrigado Sr. Ministro pelo esclarecimento.

Tem a palavra o Sr. Ministro das Finanças, para responder às questões colocadas.

O Sr. **Ministro das Finanças, Comércio e da Economia Azul**: — Sr. Presidente, para responder à questão levantada pelo Deputado do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, Arlindo Barbosa, sobre a questão da dívida pública, o quadro está no relatório. Os valores referentes à dívida até o final do ano não alteraram. O que era necessário acrescentar ainda neste quadro, em relação à dívida interna, é uma dívida que tivemos o conhecimento da necessidade de o Governo considerar como dívida, que é a questão dos combustíveis dos barcos, o que foi julgado ultimamente e que o País foi condenado a pagar cerca de 12 milhões de dólares.

**Vozes do ADI**: — A sério?

O Sr. **Ministro das Finanças, Comércio e da Economia Azul**: — Isto sim era necessário incluir nesse quadro e actualizá-lo.

Em relação ao investimento a que estava a fazer referência, eu sei que era isso, a leitura do Orçamento Geral do Estado, principalmente no que diz respeito ao investimento público, tem que ser do ponto de vista plurianual, porque quando o Orçamento é programado, é programado anualmente, mas os investimentos são plurianuais, são deslizantes. Quer dizer que, quando termina o ano, aquilo que não se concluiu, o que não se pagou, tem-se que reprogramar para o ano seguinte. Esta é a leitura que se faz em relação ao orçamento de investimento público.

GIME. É claro que pagamos 2 meses. Estamos à espera da aprovação do Orçamento, para pagarmos os montantes em atraso. Quer dizer que pagaremos todo o montante que tiver em dívida a essa altura.

Portanto, é a mesma resposta que tenho em relação ao Orçamento, e acho que foi respondida também pelo Ministro da Educação. O Orçamento é anual, não é prepara do ponto de vista do período eleitoral. Tem que ser considerado o ano. As percentagens, no Orçamento, são em relação ao investimento. As percentagens do Sector de infra-estrutura é em relação ao investimento. Se inscrevemos acções, no âmbito das infra-estruturas, que têm um valor superior em relação a outras acções, é claro que a sua percentagem tem que ser superior.

A Sra. Deputada Maria de Cristo, do PCD, levantou a questão sobre as condições de remessas de emigrantes. Não há nenhuma restrição em repatriamento de capitais por parte dos imigrantes. Há isenção a nível das taxas alfandegárias para todo e qualquer imigrante que chega ao País definitivamente. Daí que não há nenhum impedimento ou alguma dificuldade em o imigrante fazer a sua remessa, por um lado, e por outro lado, trazer os seus bens ou fazer investimentos.

Em relação ao mar, é claro que nós todos sabemos que temos 160 vezes da nossa dimensão terrestre no mar. Este é o ano em que se fez mais acções nesse domínio e, neste momento, estamos na preparação de uma estratégia de crescimento azul.

Com o apoio da FAO, nos próximos meses, digo no mês de Março, já teremos a estratégia do crescimento azul, que engloba toda as acções, todas actividades e a utilização de recursos ao nível do mar. Portanto, teremos um instrumento importante que servirá de orientação para todas as acção que o Governo tem ao nível do mar.

Obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa, para um pedido de esclarecimento.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Sr. Ministro, entenderá que sabemos que o Orçamento é anual. É por isso que, quando fazíamos a defesa de que era preciso a execução através de uma tabela, facilitaria. É por isso que se interroga quanto a Infra-estrutura. Se tivéssemos recebido aquilo que foi

programado em 2016, quando o Governo dizia que a intra-estrutura não era prioritária, a ordem de 10%, aquilo que se cumpriu e que ficou por cumprir, tínhamos a ideia, em 2018, do que ficou para trazer, porque os valores não podem ser transitados. Então, se transitaram os valores como eles estão, quer dizer que não se executou nada. Por isso é que fazemos sempre a defesa de que é preciso a execução, não como esta cá na tabela, como nos fizeram ver.

Há uma contradição, Sr. Ministro. Por acaso eu não tinha reparado, mas o anúncio que o Sr. Ministro fez, a não ser que me corrija, falava num valor de 6.5 mil milhões e no Orçamento está 5 mil milhões. É preciso relacionar isso. O Sr. Ministro fez um anúncio de 6.5 dos manuais e aqui no orçamento está cinco.

Sr. Ministro da Educação, eu não sou do sector e não consigo saber o período, mas é bom fazer essa fiscalização. Mesmo agora, neste segundo período que diz que estamos, em Janeiro e metade de Fevereiro, e os pais contribuíram, há escolas que não estão a fazer uma e única refeição. É preciso receber essa informação e poder fiscalizar, e garantir quem neste segundo período está a fazer, está a cumprir. Os pais contribuíram. Eu pessoalmente sou pai e contribuí, aquando da matrícula, para que isso fosse realidade. Podemos estar de acordo que, face às dificuldades, não seja todos os dias, mas convenhamos, um pai paga a sua matrícula, e já estamos há cerca de 2 meses e não há refeição.

Por isso é que eu gostaria que me pontualizasse. Primeiro, é saber se é o 5 que está cá ou se vamos na lógica do anúncio do Primeiro-Ministro.

Também não ouvi nada em relação a diáspora.

Coloquei aqui algumas questões, algumas delas foram respondidas, mas seria bom, para permitir como é que vamos transmitir lá, pelo menos aquilo que o Governo anunciou, somos Deputados e representantes, para dizer de concreto o que o Governo vai fazer em relação a diásporas.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Gostaria de saber se há alguma reacção da parte do Governo.

Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa, para uma intervenção.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Como sabem, a nossa sessão está a ser acompanhada, recebi uma informação, isto é para o Sr. Ministro da Educação. Quando as vezes assumimos as funções, ouvimos as coisas na rua, mas seria bom ouvir do Sr. Ministro, em relação aos familiares das pessoas que desapareceram no barco Santo António. A informação que recebi, não é minha informação, é que houve um compromisso com os familiares, relativamente aos estudos, para garantir os estudos dos miúdos. Alguns desses familiares têm crianças na ensino básico e noutros níveis de ensino e houve um compromisso da sua parte, que garantiria as matrículas. Porque, a pessoa quer resposta, está a ouvir neste momento o Parlamento, eu gostaria de saber primeiro se houve esse compromisso, para de facto ultrapassar está questão.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD) — Se não houve, o que é que pensa em fazer?

O que pensa em fazer, se é que fez esse compromisso.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Bem, há uma lista de inscrições de Deputados, portanto, tem a palavra o Sr. Deputado Felisberto Afonso.

Só um momento, Sr. Deputado. Parece que o Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros quer dar alguma resposta.

Tem a palavra o Sr. Ministro de Negócios Estrangeiros e Comunidades.

O Sr. **Ministro dos Negócios Estrangeiros e Comunidades** (Urbino Botelho) — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Caros Colegas, Sras. e Srs. Deputados, muito bom dia.

Porque se falou tanto da diáspora e é um pelouro que está sob a minha tutela, gostaria apenas de trazer aqui algumas informações. Gostaria de dizer que a diáspora constitui uma preocupação para o Governo e temos vindo a interagir com a diáspora, tanto é que iniciamos com o Fórum da Diáspora, baseado em Lisboa, uma parceria, no sentido de congregarmos toda a diáspora espalhada pelo mundo fora e houve já alguns contactos que foram feitos, mas infelizmente ainda não concretizamos este projecto que é de reunir aqui em São Tomé toda a diáspora, auscultá-la, escutar as suas preocupações para, na medida do possível, encontrarmos soluções para as suas aspirações.

É apenas para trazer essas informações e dizer que mesmo através das nossas missões diplomáticas, tem havido interacção entre o Ministério de Negócios Estrangeiros e a diáspora, via nossas missões diplomáticas.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Agora sim, tem a palavra o Sr. Deputado Felisberto Afonso, para uma intervenção.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministro, Sras. e Srs. Deputados, muito boa tarde.

Na minha intervenção, hoje vou falar do meu ministério e trazer também algumas preocupações que estão a acontecer.

Eu gostaria de dizer ao Governo e à sociedade civil que o Ministério da Agricultura e Pesca é salvador do povo são-tomense. Temos que encarar isso, porque essa crise económica que está a acontecer no mundo inteiro e também no nosso país, se não tivéssemos agricultura, pesca e pecuária, não saberíamos como é que passaríamos.

Em 2014, a produção e produtividade que o XV Governo deixou, como houve continuidade de governo para governo, mantivemos a produção de 2014, mantivemos a de 2015, mas devido a alteração climática, temos grande crise na nossa agricultura e isso traz uma pobreza para o povo são-tomense. Portanto, desde a altura em que o nosso governo deixou o Ministério da Agricultura e passou a ser Direcção da Agricultura, então a política que estiveram a fazer quando era Ministério, está muito recuada.

Eu gostaria de pedir que o Governo pudesse salvar a agricultura e todo o povo são-tomense. Não é só investir na agricultura, mas na pecuária, na pesca para que possamos aumentar a nossa produção e produtividade.

Estamos numa fase agora terrível, uma crise económica dentro da agricultura, falta de chuva, alteração climática, que cada vez estão a nos prejudicar, porque tudo que estamos a plantar não está a desenvolver. Que o Governo pudesse fazer uma política e, ao menos desviar 30 ou 40% de água e pôr na terra para refrescar o nosso solo, para vermos se podemos trabalhar. Aumento da produção e da produtividade, meus senhores, é desbravar, plantar, dar manutenção e cuidar. Assim que é o aumento da produção e da produtividade. Espero que o Governo possa considerar o Ministério da Agricultura, Pesca e Pecuária, além de termos aí uma quantia de 173 bilhões. Isso não vai resolver o problema da nossa agricultura. Temos muita crise na agricultura. Espero que o Governo possa dar-nos uma mão, além desse mínimo que está cá, para vermos se podemos considerar o Ministério, onde o Governo pode garantir mais mão-de-obra. Mesmo com o alargamento do aeroporto, mesmo com a construção do porto de águas profundas, a agricultura é preciso a qualquer altura.

Muitos aqui dizem que a agricultura não é solução, mas tenho pena dessas pessoas. Não quero dizer nomes, estive numa conversa, e há um deputado aqui que disse que a agricultura não é solução, mas está enganado. Toda formação que temos hoje é graça à nossa agricultura. Já elevamos a nossa produção a 40% desde 1975, mas acontece hoje que baixou. Temos que procurar forma de aumentar essa produção e produtividade. Isso não é preciso *demanda*, não é preciso preocupações. Temos que trabalhar. A solução é trabalhar, a solução é meter água na terra. Vamos continuar a plantar até chuva a vir. Sem plantação a chuva não aparece e a quantidade de plantas que já morreram é mais do que as que existem. Como é que vamos aumentar a produção e a produtividade?

O abate indiscriminado é demais...

*Risos do ADI.*

**Uma voz do ADI:** — Gaudêncio Costa está aborrecido com você.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Oh senhor! O senhor só está a procurar complicação. É só ele que abate árvores? O abate de madeiras não está no Grupo Parlamentar do ADI? Está também. Vocês procuram conversa, depois para irem falar. Eu conheço um deputado da vossa bancada que tem material em todo espaço do País, mas eu não vim para isso. Vocês sempre arranjam complicações.

O problema é que os são-tomenses não gostam da agricultura. Se não considerarmos a agricultura, não teremos solução. E é por isso que eu quero deixar a minha intervenção, para que haja mais apoio à agricultura, mais apoio à pesca, mais apoio à pecuária, porque se não houver agricultura, pesca e pecuária, não haverá educação, não haverá saúde. Penso que a agricultura é salvador da pátria São Tomé e Príncipe.

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Esmail da Glória, para uma intervenção.

O Sr. **Esmail da Glória** (ADI): — Muito obrigado, Sr. Presidente.

Gostaria também saudar o Sr. Primeiro-Ministro e o seu elenco governamental e saudar as Sras. e os Srs. Deputados. É só para dizer que o nosso Grupo Parlamentar conhece os desafios que o Governo suporta. Nós, os Deputados que apoiamos o Governo, nunca dissemos que já vencemos a pobreza, que já vencemos as dificuldades e que o País não as tem. Nós, o Grupo Parlamentar do ADI, vimos que o Orçamento apresentado pelo Governo é um orçamento ambicioso. E desde logo gostaríamos de parabenizar o Governo. Vimos que o futuro reside no compromisso dos dirigentes que vêm sendo demonstrado por este Governo e que vêm sendo plasmados no quadro do novo Orçamento apresentado, e em linhas gerais.

Temos hoje em dia grande confiança das empresas e vimos também que temos grande confiança do povo e o povo irá renovar a confiança no Governo do ADI.

As palavras por inteiro que estamos aqui a dizer também vêm plasmadas no Orçamento. Todas estão em correspondência com as dificuldades que o Orçamento vem responder.

Quero dizer a algumas Sras. e Srs. Deputados que aqui levantaram algumas questões que, ao nível da Saúde, notei avanços notáveis ao nível do Distrito. Eu quero aqui dizer publicamente que hoje temos requalificado, no nosso Distrito, a área da saúde de Cantagalo.

Quero parabenizar os parceiros pelos apoios concedidos e à delegada os nossos parabéns.

Gostaria de dizer ao Sr. Ministro de Infra-estrutura que continue a construir o País. Que as obras da estrada de Colónia a São Lourenço estão indo no bom caminho. Continue assim a desenvolver...

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — Essa estrada vai para roça de quem?

O Sr. **Esmaiel da Glória** (ADI): — ...vejo alocado também verbas, no nosso Orçamento, que irão responder à estrada de Micondó e Santana, e quero parabenizar o Governo por este feito. Sei que este Governo não é de arrancar obras e parar, por isso, desde logo, os meus parabéns. «*Alea jacta est.*» A sorte do País está lançada.

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Eh pá, homem falou latim.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Ninguém bateu palmas para o homem.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado, para uma intervenção.

**Uma voz do MLSTP/PSD**: — O homem tem que responder primeiro.

O Sr. **Presidente**: — Fez questão que seja quando o Sr. Primeiro-Ministro e Sr. Ministro das Finanças estivessem, mas não estão aqui, e assim não podem intervir.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros: Trago cá algumas preocupações.

Como sabe, estamos num orçamento de contenção e precisava de ter algum esclarecimento, quanto ao artigo 6.º, financiamento interno. Portanto, temos vindo a assistir, em todos os outros orçamentos apresentados, o Governo discriminar o montante que irá receber no título do bilhete de tesouro. No orçamento anterior, o Governo estabeleceu 300 mil milhões de dobras e, neste Orçamento, o Governo deixa em branco. Não nos diz quanto é que vai recorrer ao bilhete de tesouro, quer dizer que temos aqui um cheque em branco. Gostaria que o Governo fixasse qual é o montante que irá recorrer ao título de tesouro, para que fique realmente fixado, de forma que não ultrapasse este valor, quando o Governo recorrer a este mesmo expediente.

No número 2 deste mesmo artigo, o Governo diz que poderá recorrer a outros mecanismos financeiros do défice temporário de tesouro. Que mecanismo é este, Sr. Ministro? Gostaria de conhecer. E a que montante também irá recorrer, para poder obter o financiamento?

Gostaria de obter também uma informação do Sr. Ministro com relação à utilização do título de bilhete do tesouro no ano 2017. Sabemos que estava contemplado 300 mil milhões. O Governo fez a primeira emissão, no valor de USD 6 737 (seis milhões, setecentos e trinta e sete mil dólares), o que corresponde a 150 mil milhões de dobras. Restaram 50 mil milhões de dobras. Como é que foram utilizados os 50 mil milhões de dobras? Isto porque o Governo, durante o ano findo, emitiu três vezes o título de bilhete de tesouro. Três vezes. Se numa primeira tranche obteve 150 mil milhões, restaram 50. Qual foi o valor das duas tranches a seguir? Qual é o montante real do bilhete de tesouro que o Governo emitiu no ano 2017?

Como o Sr. Ministro sabe, os dados que temos aqui disponíveis não deixam claro como é que o Governo recorreu à utilização deste bilhete de tesouro.

Por outro lado, queria que o Sr. Ministro nos informasse qual é a verdadeira dívida interna do País, porque o que consta neste Orçamento, Sr. Ministro, não corresponde à realidade. Gostaria de obter uma explicação clara por parte do Sr. Ministro com relação a isso.

Igualmente, gostaria de saber, Sr. Ministro, qual é o montante que o País dispõe, na conta nacional de petróleo, uma vez que vemos aqui que o Governo vai buscar USD 42 450 000 00 (quarenta e dois milhões, quatrocentos e cinquenta mil dólares), para financiamento interno, da conta nacional do petróleo. Gostaria de saber qual é o montante que ainda existe na conta nacional de petróleo.

Sr. Ministro, gostaria que anotasse as minhas perguntas, porque tenho dado conta de que o Governo não tem respondido às perguntas que os Srs. Deputados têm vindo a colocar e, aliás, responde àquilo que quer. Assim sendo, muitas coisas estão a ficar por esclarecer.

Estando num período de contenção de despesas, qual é a causa de elevar a missão ao exterior do Sr. Primeiro-Ministro ao valor que aqui está contemplado? Visto que nos outros anos os valores eram inferiores,

eram de Dbs. 1.5 bilhão e agora estamos com um valor de 2 175 000 000 00 (dois bilhões, cento e setenta e cinco mil milhões de dobras), quando o período é mais curto para governação. Que expediente o Sr. Primeiro-Ministro irá dar a favor do País, para poder contemplar, no seu orçamento, todo esse volume de dinheiro, quando ao povo é pedido para apertar o cinto; quando os impostos vão aumentando catastróficamente e as pessoas não conseguem suportar a vida; quando a miséria está a tomar conta de nós.

*Murmúrios.*

Sim, Sr. Deputado, disse bem, a pobreza toma conta dos que são da oposição. Realmente a pobreza não está a tomar conta do poder. Obrigado Sr. Deputado.

*Ruídos do ADI.*

Obrigado por ter dito isso.

Outra explicação, Sr. Presidente.

Sr. Primeiro-Ministro, gostaria de obter esclarecimento sobre o fundo de manutenção de unidades. O que significa isso? Nos orçamentos dos outros governos, não vi. De todos quanto percorri, não vi o fundo de manutenção de unidades. No Orçamento deste Governo em todos os ministérios, há um fundo de manutenção de unidades, com um valor astronómico. Só no Gabinete do Sr. Primeiro-Ministro é de 6 747 612 000 00 (seis bilhões, setecentos e quarenta e sete mil milhões, seiscentos e doze milhões de dobras). Será que todos os ministérios têm forças armadas? Estão todos unidos. Porque acho que o fundo para manutenção de unidades é a unidade militar. É a questão que eu coloco e espero que me dê uma resposta, porque não posso adivinhar aquilo que não está dito aqui. Quando se faz um orçamento, ele tem que ser completamente transparente, para não surgir dúvidas, quando vamos analisar. Tem que estar completamente transparente.

Acabamos de receber do Sr. Primeiro-Ministro o anexo e não nos deu tempo para vermos, porque entrou agora na Casa Parlamentar, mas pelo que entendo são orçamentos das empresas. E sabemos que quase todas as empresas públicas estão em falência. Quase todas as empresas públicas estão na bancarrota. Independentemente das dificuldades que a empresa tenha, digamos por exemplo a empresa ENAPORT, o Governo introduziu, só nestes 4 anos, cerca de 250 trabalhadores. E é bom que se dê trabalho às pessoas. Mas só que quando vamos ver, são filhos dos Deputados, mulheres dos Deputados, irmãos dos Ministros, primos do Primeiro-Ministro, afiliados do Primeiro-Ministro e por-ai-fora. E essas empresas estão de uma tal forma debilitadas que nenhuma delas paga impostos ao Estado. A ENAPORT deve ao Estado, catastróficamente, um montante que não se pode pronunciar aqui, porque talvez ao pronunciar a cifra não sairia directamente clara, tendo em conta a mudança de moeda que se fez agora no nosso país.

Todas as empresas públicas estão completamente destruídas. Como é que vamos resolver esse problema? Provavelmente o Governo pretende destruí-las para depois privatizá-las, mas acho que não é assim que se dá resposta ao desenvolvimento económico de um país.

Portanto, Sr. Primeiro-Ministro, Sr. Ministro, fico por aí, aguardando que se responda às minhas questões, para eu voltar cá uma segunda vez.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado António Barros, para uma interpelação à Mesa.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, é apenas para solicitar, porque ontem ficou estabelecido um número de intervenções, para que depois o Governo viesse dar resposta. Não sei quantos Deputados já entrevistaram.

Apenas para saber se já atingimos o tecto em que o Governo deve responder, para não ficar muitas questões acumuladas e depois ficarem sem resposta.

O Sr. **Presidente**: — Já são três, mas vou admitir mais um, o Sr. Deputado que vinha...

**Vozes do MLSTP/PSD**: — Não, não, não.

O Sr. **Presidente**: — Deixem-me dizer. Se o Sr. Deputado reparou, desde que começamos, quase que não obedecemos a essa regra. Houve várias intervenções e depois o Governo respondeu em cadeia. Era o que estipulamos no início, ainda ontem, e voltei a frisar esta manhã, para continuarmos na mesma senda, mas com o evoluir do debate a coisa tornou-se diferente. Então, vou colocando em função das disponibilidades.

Em princípio, o Sr. Deputado António Barros está nesta lista, seria talvez o quarto a intervir e depois solicitaria o Governo.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — De momento, suspendo a minha inscrição.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, vamos ser práticos. Se não tem perguntas a fazer, tudo bem, mas se tiver perguntas, aproveite para colocá-las, para depois sugerir ao Governo, se houver alguém para responder.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Não, o Governo tem muito tempo.

O Sr. **Presidente**: — Mas, Sr. Deputado, quem deve responder?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — O Governo tem que responder.

O Sr. **Presidente**: — Mas quem está a fazer as perguntas são os Deputados. Sr. Deputado, estamos num debate aberto, tranquilo e transparente que está a ser transmitido a todos os horizontes. E, portanto, peço a vós, sobretudo, para terem alguma atitude correcta, para que quem está lá fora interprete, sim senhor, que é um Parlamento que está a funcionar...

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Oh! O Governo não pode responder?

O Sr. **Presidente**: — ...e as pessoas estão a ter, na medida do possível, intervenções.

**Vozes do MLSTP/PSD**: — Oh!

O Sr. **Presidente**: — Não vamos obrigar o Governo a responder. O Governo só responde, quando bem entender.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — É uma submissão ao Governo que é uma coisa doida.

O Sr. **Presidente**: — Eu acho que o Governo não é obrigado a responder. O Governo responde em função daquilo que achar que pode responder. Agora, o deputado vai intervindo e nós aqui teremos a amabilidade de ouvir a resposta do Governo.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado, para uma intervenção.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Nós, os Deputados da oposição, temos um tempo limitado, e limitadíssimo. Fazemos um esforço para colocar questões ao Governo, que tem na sua totalidade, neste momento, 2 horas e 50 minutos para responder, enquanto o UDD já não tem nenhum minuto, o PCD tem 3 minutos e o MLSTP/PSD só tem 17 minutos. O Governo tem 2 horas e 50 minutos e não responde nada. Quer dizer, não temos tempo para poder fazer mais perguntas, assim esgota o nosso tempo, acabou-se, fecham as pastas e vão-se embora. Está aprovado o Orçamento! O Governo tem que responder!

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado António Barros, então, não vai intervir?

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Não.

O Sr. **Presidente**: — Neste sentido, vou chamar o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira, para uma intervenção.

O **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, nós, o Grupo Parlamentar do ADI, entendemos que os trabalhos estão a decorrer bem. Ontem, o Sr. Presidente apresentou uma metodologia de trabalho e somos de opinião que os trabalhos devem continuar a decorrer como iniciámos. Portanto, não vemos nenhuma objecção em responder...

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Mas não está a cumprir.

O **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — ... mas o Presidente é soberano e eu gostaria de pedir encarecidamente, porque para quem nos ouve lá fora dá a sensação de que se tirou o tempo à oposição. O tempo foi distribuído de forma proporcional.

O Sr. **Presidente**: — Gostaria de ouvir da parte do Governo, se há alguma intervenção a fazer.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Oh! Se há!

O Sr. **Presidente**: — Claro. Se há, porque eu não sei. Alguém tem que dizer que sim. Não é assim tão automático, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Ministro das Finanças e da Economia Azul.

O Sr. **Ministro das Finanças, Comércio e da Economia Azul**: — Para responder à questão levantada pelo Sr. Deputado Jorge Amado, do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, os montantes do bilhete de tesouro, emitidos durante o ano transacto, estão no relatório que apresentámos, na página 30, na tabela de operações financeiras. Está todo o montante e o período em que se emitiu o bilhete de tesouro.

Que mecanismos outros? Tivemos recentemente, aliás temos tido, no âmbito da reforma, assistência técnica e trabalhos em vários domínios, particularmente na questão da gestão das dívidas, interna e externa. E com as melhorias que tem havido ao nível da gestão macroeconómica e a gestão das finanças públicas, foi-nos orientado no sentido de criar outros instrumentos de financiamento ...

**Uma voz do MLSTP/PSD**: — Que não se vê nada.

*Murmúrios.*

O Sr. **Ministro das Finanças, Comércio e da Economia Azul**: — ... eu disse tabelas de operações financeiras, 30 e 31.

Nós temos assessorias na gestão das finanças públicas, bem como da gestão da dívida pública e nos foi aconselhado, como tinha sido nos aconselhado antes, a emissão de bilhete do tesouro. Foi-nos aconselhado outros instrumentos que são bastante utilizados a nível mundial, que são as obrigações de tesouro.

Portanto, nós também estamos a trabalhar neste momento no sentido de emitirmos obrigações de tesouros. É um instrumento que é utilizado na gestão das finanças públicas de qualquer parte do mundo.

Qual é a verdadeira dívida interna? Portanto, as informações estão cá. Se o Sr. Deputado tiver outras informações em relação à dívida interna que não seja uma dívida corrente, que me informe. Quando falei recentemente do quadro da dívida, eu disse que, em termos de stock, a dívida que temos é essa e falta incluir só da parte interna. Um stock que é a dívida resultante da condenação do processo da venda de combustível dos barcos que estiverem cá em São Tomé.

**Uma voz do MLSTP/PSD**: — E os barcos invasores, de quem eram?

O Sr. **Ministro das Finanças, Comércio e da Economia Azul**: — O montante da conta nacional de petróleo são onze milhões e qualquer coisa, não tenho a cifra exacta, no Orçamento reflecte 20% do montante, e está na Lei de Petróleo. No orçamento, julgo, do Gabinete do Primeiro-Ministro, está a verba, “funcionamento de unidade”, é a rubrica mãe e a soma de todos outros itens, que corresponde ao valor a que fez referência. Todos os ministérios têm. Portanto, funcionamento de unidade é a rubrica mãe, depois tem detalhes de verbas de funcionamento. Somando cada um dos detalhes é que dá a soma total a que fez referência.

Falou da questão das empresas públicas. Acho que não é novidade para ninguém, aliás sempre defendemos aqui a situação das empresas públicas. É por isso que o Governo, através do Conselho de Ministros, tomou algumas decisões, no sentido de diminuir, ou melhor, obrigar as empresas a fazerem a contenção das despesas, porque reconhecemos a situação dessas empresas públicas. E também como foi dito aqui ontem, encomendamos uma auditoria a todas as empresas públicas que estão neste momento em curso, e deverá terminar neste final do mês. Criamos uma unidade, com o apoio do Banco Mundial, para a reforma dessas empresas todas e essa unidade poderá começar a funcionar logo que aprovarmos o Orçamento.

Portanto, acho que respondi às questões aqui levantadas pelo Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado, para um pedido de esclarecimento.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Obrigado Sr. Ministro, pelo esforço que se fez em responder à questão que coloquei, mas entendo que não respondeu cabalmente, na medida que não nos diz qual é o montante que pretende recorrer ao bilhete de tesouro. Nos outros orçamentos, vem discriminado qual é o montante a que o Governo teria que recorrer a obrigação do tesouro. Disse que o montante que se utilizou da dívida interna está contido no Orçamento, mas tenho informações diferentes de que esta dívida ronda cerca de 30 milhões de dólares, e não o que está lá, 12 milhões de dólares.

O Sr. Ministro diz que falta incluir a dívida do combustível dos barcos. Claro que o dono dos barcos também está cá em São Tomé e está a pressionar para que se pague a dívida, porque está interessado em receber esse dinheiro. Portanto, está a sacrificar o Estado, para ver se enche o seu bolso.

Eu gostaria também de saber onde é que o seu Governo vai incluir os 9 milhões que o Governo vai pagar, pelo facto...

*Murmúrios do ADI.*

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Srs. Deputados, querem substituir-me? Podem vir...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, só um momento. O Sr. Deputado pediu a palavra para fazer um pedido de esclarecimento.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Pedido de esclarecimento.

O Sr. **Presidente**: — Só que o Sr. Deputado está a fazer intervenções insinuatórias, dizendo que o dono está aqui. Ninguém está a falar do dono dos barcos. Por que é que está a falar que o dono dos barcos está aqui? O que é que o senhor quer dizer com isto?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — O Sr. Ministro falou de barcos, estou a falar de barcos.

O Sr. **Presidente**: — Mais o dono dos barcos está aqui?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Será o senhor?

O Sr. **Presidente**: — O senhor pediu um esclarecimento, faça-o no âmbito de pedido de esclarecimento apenas. Não faça alegações, nem insinuações desnecessárias. Não é isso que importa o povo ouvir como esclarecimento. Façamos intervenções lógicas, Sr. Deputado. Lá fora estão a nos ouvir.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Eu disse que o dono dos barcos está aqui. Por que é que o senhor tem que reagir? Quer dizer, a carapuça foi aí?

**Uma voz do ADI**: — O senhor já não muda mais.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Quem está a falar?

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Eu.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Eu quem?

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Chefe.

*Risos gerais.*

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Chefe? Cuidado pá, para que eu não lhe faça calar.

**Vozes do ADI**: — Oh!

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Eu gostaria de saber, Sr. Ministro, como e quando é que se vai pagar os 9 milhões de dólares que o País deve, por ter quebrado o contrato com a empresa que emitia carta de condução? Essa empresa introduziu o Governo no Tribunal Internacional e o Governo vai ter que pagar 9 milhões de dólares. E é uma empresa que o próprio ADI trouxe e decidiu romper o contrato, e essa empresa meteu São Tomé e Príncipe no Tribunal Internacional e vamos ter que pagar 9 milhões de dólares a essa empresa. Portanto, é uma dívida criada por este Governo.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, terminou o seu tempo de intervenção. Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira, para uma intervenção.

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, peço interpelação à Mesa, para citar o artigo 102.º do Regimento, ponto 1. «O uso da palavra para esclarecimento limita-se a formulação sintética da pergunta e da respectiva resposta sobre a matéria em dúvida, enunciada pelo orador que tiver acabado de intervir.» O que o Sr. Deputado Jorge Amado fez não é isso? Com o devido respeito. Ele fez sim uma intervenção...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — O senhor está a fazer intervenção?

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — ... não. Eu estou a fazer interpelação à Mesa, para repudiar este comportamento de alguém que já tem longos anos na Casa da democracia.

Sr. Presidente, eu peço à Mesa para ser duro e directo sobre a correcção dos trabalhos, sim senhor, no cumprimento do nosso Regimento.

O Sr. **Presidente**: — Mais um pedido de esclarecimento da parte do Sr. Deputado Gaudêncio Costa, mas é mesmo um pedido de esclarecimento. E veja bem os argumentos que estão no Regimento. Cinja-se apenas nisso. Se não, vou retirar-lhe a palavra. Estou avisar. Engraçado é que estou cingir-me à regra que



estabelecemos aqui. Temos o Regimento que tem que ser obedecido e respeitado. Se não, estamos a banalizar a própria Assembleia.

Tem a palavra o Sr. Deputado Gaudêncio Costa, para uma intervenção.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, Srs. Deputados: Eu gostaria de perguntar ao Sr. Ministro das Finanças, relativamente à questão da dívida que não foi incluída, a questão dos barcos.

Gostaria de perguntar ao Sr. Ministro das Finanças se sabe quem são os advogados que defendem a empresa que reclama a apreensão do conteúdo que estava nos barcos. Se há escassez de informação, pergunte ao actual Governador do Banco Central, porque foi ele que, na altura, era o Ministro das Finanças que tratou de toda essa questão do conteúdo que estava nos barcos. Quer me parecer que as pessoas estão a agir de má-fé contra o Estado são-tomense. Interesses próprios. Seria bom que ouvíssemos a explicação do Sr. Ministro das Finanças.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado António Barros.

*Murmúrios.*

Sr. Deputado, tem a palavra. Sr. Deputado pediu para intervir.

*Murmúrios.*

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Esclarecimento, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, ao intervir, vamos ter que contar o seu tempo. Então fale, vamos ouvir, se é mesmo esclarecimento...

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, posso continuar?

O Sr. **Presidente**: — Pode sim.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, eu vim, porque o senhor já me deu a palavra cerca de duas vezes e tenho recusado, justamente porque estava à espera que o Governo respondesse.

A minha dúvida é essa: se houve um pedido de esclarecimento, acho que as pessoas devem ser esclarecidas, depois para avançarmos. É só isso.

Quanto à questão do pedido de esclarecimento, as pessoas estão a fazer muita confusão. Pedido de esclarecimento, creio, tem um tempo que são 3 minutos e a pessoa faz o pedido de esclarecimento do que ela entender, daquilo que ela não foi esclarecida. Não tem que ser um esclarecimento que agrade ao Sr. Presidente, que agrade ao grupo parlamentar do poder, ou que agrade ao Governo. Tem que ser um pedido de esclarecimento daquilo que a pessoa quer ser esclarecida.

Obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré, para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, peço a palavra, para intervir dentro do meu tempo, para não usar o mesmo subterfúgio de outros artigos que estão no Regimento e para não suscitar rebolice na Sala.

Eu gostaria de pedir às Sras. e aos Srs. Deputados para voltarmos aos carris do debate, da forma como vinha sendo. A população está a acompanhar e eu penso que depois da chegada de Sua Excelência o Sr. Primeiro-Ministro parece que o debate, de facto, começou, com intervenções, com perguntas. O Governo está a responder, as coisas estão a correr bem e eu peço a todos para continuarmos nesse nível e não criar mais problemas à própria Casa Parlamentar.

Logo, a minha intervenção é apenas nesse aspecto.

De facto, o Regimento está claro: há pedido de esclarecimento, há protesto, contra-protesto, com os tempos que lá estão. Quero pedir à Mesa também para orientar esses pedidos que os Deputados podem fazer, podem pedir esclarecimento, podem pedir protesto, contra-protesto, mas dentro daquilo que está no espírito do Regimento e daquilo que diz o nosso Regimento. Isso é que é o mais importante, mas como alguém também já disse aqui, «isto é coisa séria». Ouvimos isso aqui, não é brincadeira, é coisa séria e eu peço aos Deputados para sermos sérios.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado António Barros, para uma intervenção.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — sr. Presidente, a minha intervenção vem um pouco na base da intervenção que fez aqui o Sr. Deputado da UDD, quando levantou a questão da produtividade e do valor que de facto, segundo ele, e é uma verdade, não ajuda em nada para o aumento da produtividade no País. Isto porquê? A fraca produtividade interna dos produtos alimentares provoca, sem dúvida, uma importação maior dos bens e, a esse nível, temos um problema grave que é o problema do arroz. O arroz tornou-se um problema grave neste país. Infelizmente, tornou-se um instrumento político, cada um usa da forma como usa. O actual Governo, nas eleições passadas, até usou para ganhar as eleições, arroz de 13 contos. Ultimamente, vimos que o arroz foi usado para desmobilizar uma manifestação da oposição...

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Estava escondido.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — ...depois foi usado para mobilizar as pessoas, para fazerem uma manifestação a favor do Governo. Um arroz que esteve escondido. Quer dizer, um arroz que o Governo escondeu, com o propósito de fazer campanha. Portanto, já tinha prometido arroz de 13 contos, uma promessa que é, também posso reforçar aquilo que já disse o meu Líder ontem, zero. No entanto, o Governo guardou esse arroz com a intenção de fazer campanha.

Bom, foi bom, porque, no uso de um instrumento legal, a oposição pediu uma manifestação e esse arroz saiu a força, para cumprir os objectivos. Até para o Príncipe foi uma migalha. Em relação a essa migalha, depois vou falar com o Sr. Ministro.

É necessário dar-se atenção àquilo que disse o Deputado Felisberto, para que o País não esteja dependente desses factores que eu acabei aqui de citar, a não ser que haja um propósito das pessoas de terem sempre uma matéria para ganhar eleição e, quando vier agora as eleições, dizer ao povo: «está aqui o arroz de 13 contos», que é uma coisa que se sabe. Todo o povo já compreendeu que não dura. houve até música: «*bi cu lôçô tleze contu. Nom mêcê lôcô tleze contu*», mas toda gente também sabe que não funcionou.

Agora, para terminar, Sr. Ministro, eu até fico com algum receio de direccionar as questões directamente a um Ministro ou ao Sr. Primeiro-Ministro, porque eu notei que a coisa deixa de ser do Estado e torna pessoal, a partir do momento que aconteceu o que aconteceu em relação à questão que eu levantei sobre o navio Santo António. Eu notei que a coisa, às vezes, deixa de ser do Estado e torna-se pessoal.

Sr. Ministro, apenas para pedir a sua colaboração. É uma questão de justiça, porque não é normal que aqui em São Tomé um único comerciante tenha acesso à compra de 3 000 sacos de arroz e, para todo o Príncipe, mandam 1 000 sacos. Isso é um desrespeito ao Príncipe e aos comerciantes que lá estão. É um desrespeito muito grande.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Gaudêncio Costa, para uma intervenção.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, Srs. Deputados, estamos a analisar um Orçamento especial, excepcional e histórico. É o Orçamento de um Governo que durou uma legislatura completa, 4 anos. E vimos, o povo nota, que o Chefe do Governo adoptou uma outra postura na discussão deste Orçamento, o último. Estranhamente, na minha perspectiva e na perspectiva do nosso grupo parlamentar, deveria ser o Orçamento, em que o Chefe do Governo viria aqui proclamar «povo de São Tomé e Príncipe, quando comecei, prometi tais, tais, tais e eis que hoje...

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Seria campanha!

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — ... cumpri e vou fazer mais, mais e mais. O que é que se nota? Nota-se um Primeiro-Ministro amorfo...

*Risos do MLSTP/PSD.*

...na minha perspectiva, o semblante denota que está desiludido, porque de facto governar não é fácil. É muito difícil e, muitas vezes, gratuitamente. Já ouvi as pessoas desconsiderarem as pessoas que andaram na governação durante esses anos todos. Ou seja, isso é fácil, esta gente não sabe nada. Nós, sim, é que vamos descobrir a pólvora, nós é que vamos fazer, mas isso não é assim, meus caros. Este país, meus senhores, precisa de diálogo...

**Vozes do ADI**: — Oh!

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — ...este país precisa de alinhamento entre quem está a governar e o restante das pessoas que estão a ser governadas. Meus senhores, com arrogância não vamos lá.

E quero vos dizer o seguinte: alguém que sabe, sabe sempre que sabe menos do que aquilo que não sabe. É preciso aproveitarmos as sinergias, trazermos as pessoas, falarmos com as pessoas.

Tentei em várias ocasiões cooperar com este Governo, trabalhar, fazer alguma coisa...

*Risos do ADI.*

**Uma voz do ADI:** — Qual deles?

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — ... riam-se, Srs. Deputados, riam-se, riam-se! Aquando da organização do *STP in London*, fiz alguns contactos, no sentido de...

**Uma voz ADI:** — Qual contacto?

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): —...fazer esse trabalho, mas não é isso que interessa neste momento. O que interessa é que, em 3 anos de governação, Srs. Deputados, o que é que assistimos? A austeridade aumentou, a economia paralisou, o desemprego hoje afecta milhares e milhares de jovens. Há jovens com o 12.º ano, meus senhores, pasmem-se, a fazer motoqueiro. Houve um enfraquecimento da credibilidade do Estado. O Governo não deu prioridade às pessoas, quando as pessoas são o centro de tudo. São as pessoas que fazem mover qualquer país.

Nesta última, eu considero que o Governo está um pouco nervoso, porque corre o risco e sabe que o povo é quem mais ordena e o povo vai decidir...

*Risos do ADI.*

..em Outubro.

Riam-se, Srs. Deputados, riam-se.

Eu gostaria de dizer ao Governo que houve governos que só duraram 2 anos e tiveram ganhos substanciais para este país. Dou-vos um exemplo, o Governo de Gabriel Costa.

*Murmúrios do ADI.*

O Governo do Gabriel Costa, para uma franja de população bastante importante, adquiriu táxis, para os taxistas.

4 anos de governação...

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Interpelação à Mesa, Sr. Presidente.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — ... eu não vi. Outros governos, o Projecto PRIASA...

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sr. Deputado, posso?

O Sr. **Presidente:** — Sr. Deputado, só um momento. Há um Deputado que está a intervir...

*Murmúrios.*

...só um momento. O Sr. Deputado pediu, mas em termos normativos...

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — Com essas condições?

O Sr. **Presidente:** — ...o Sr. Deputado sabe que, no nosso Regimento, tem que deixar terminar, depois dou-lhe a palavra, imediatamente.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — É preciso orientar isso...

O Sr. **Presidente:** — Então, eu vou dar-lhe a palavra no fim. Continue, Sr. Deputado.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — ... como estava eu a dizer, mas sei que os Deputados não gostam de ouvir, houve governos que duraram 2 anos, mas foi feita a reabilitação da estrada n.º 2, o Projecto Agripalma, Cabo Submarino que hoje o Governo se gaba que há Internet, foi obra do outro governo...

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

...a paridade cambial, que hoje ajuda o nosso país com a questão do controlo da inflação, que infelizmente o vosso Governo está a deixar aumentar.

O projecto PRIASA foi obra de outro governo...

*Risos do ADI.*

O Sr. **Pedro Carvalho** (ADI): — Ele não está a acreditar naquilo que está a dizer.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — ... estou sim. Olhe que estou.

Então, gostaria de fazer algumas perguntas aos Srs. Ministros.

Em relação à Reforma da Justiça, eu diria que a Reforma da Justiça peca por um vício inicial. Qual é esse vício? Há uma reforma da justiça que podemos dizer antes do Juiz José Bandeira como Presidente do Supremo Tribunal e uma reforma da justiça depois do Juiz José Bandeira como Presidente do Supremo Tribunal. O Governo agiu em seu interesse. Se o Juiz Bandeira, e eu volto a frisar bem, se o Juiz Bandeira fosse hoje Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, não teríamos, hoje, um Tribunal inconstitucional construído. Porquê? Porque o Juiz Bandeira daria conta do recado.

A Sr. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — É verdade.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — E eu diria, não compreendo tanta paixão do Sr. Primeiro-Ministro em relação ao Juiz José Bandeira. Não consigo perceber. Como é que se criou tantas confusões aqui dentro, só para eleger o Juiz José Bandeira como Presidente do Supremo Tribunal de Justiça!

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Tribunal Constitucional.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — ... ou seja, Presidente do Tribunal Constitucional, que é inconstitucional.

Eu gostaria de saber do Sr. Ministro da Educação, se conseguiu atingir os seus objectivos com a alteração da hora. E gostaria também de informar Vossas Excelências que há crianças que estão a dormir nas salas de aulas. Era esse o objectivo que Vossa Excelência preconizava?

Gostaria também de perguntar a Vossa Excelência por que é que as bolsas internas diminuíram e, ainda assim, elas são pagas a conta-gotas.

Gostaria também de saber quanto é que custa ao Estado a força do exército privado que o Sr. Primeiro-Ministro tem na sua residência. Quanto é que isso custa ao País?

O Sr. Ministro das Finanças trouxe-nos aqui um dado sobre o turismo, que houve uma contribuição do turismo para o PIB, na ordem de 14%. Gostaria de saber do Sr. Ministro das Finanças como é que chegou a esse resultado, se é uma estimativa. Com que base é que fez esta estimativa?

Assistimos e convivemos todos os dias com as dovas dobras. Eu gostaria de saber, da parte do Sr. Ministro das Finanças, quantas notas e moedas foram impressas, o contrato e quais são as séries.

**Uma voz ADI:** — Xiê!

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Sei porquê que eu estou a perguntar isto, Sr. Deputado. Eu estou a perguntar isto, porque temos suspeita de que as notas chegaram em duas ocasiões: uma de avião e outra em contentores. Temos suspeita de que algumas caixas de dobras...

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Claro, suspeitas.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — ... foram desviadas. Era para saber, da parte do Sr. Ministro das Finanças, se é verdade que as notas chegaram em duas ocasiões. Se as caixas de notas chegaram de avião, é um caso concreto de quebra de segurança. Era para saber se o senhor nos garante que as velhas dobras que estão a sair de circulação não voltarão à circulação.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente:** — Há mais um interveniente, mas antes de passar a este, gostaria de saber se da parte do Governo há alguma reacção a essas questões colocadas.

Tem a palavra o Sr. Ministro da Agricultura, para responder às questões levantadas pelos Srs. Deputados.

O Sr. **Ministro da Agricultura e Desenvolvimento Rural** (Teodorico Campos): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Caros Colegas, Sras. e Srs. Deputados: Estou cá para tentar dar respostas às preocupações levantadas pelo Deputado da UDD. Eu reparei que desde ontem tem falado do sector agro-pecuário, por ser alguém também que está ligado à agricultura, também na pecuária e talvez também nas

pescas, porque sei também que tem alguma actividade na área de pescas. Bem, felizmente, o Governo tem empenhado para dar uma maior atenção ao sector agro-pecuário. Mesmo com as dificuldades que temos tido, com as alterações climáticas, temos ajudado a encontrar algumas soluções para melhorarmos o problema de irrigação. Felizmente, através de alguns dos nossos parceiros habituais, temos dado alguma possibilidade para o sector hortícola. Várias comunidades, quer na zona centro, por exemplo a zona de Bom Sucesso e Saudade, hoje têm melhores condições de produção, já não têm grande problema de irrigação. Temos ainda a tecnologia de produção de irrigação gota a gota e aspersão. Temos feito essa actividade com algumas culturas alimentares e mesmo também com culturas de exportação, estou a falar da pimenta, que hoje também já estamos a utilizar esta tecnologia de irrigação.

Durante o ano de 2017, conseguimos instalar 10 estufas, sendo oito em São Tomé, a nível de todos os distritos, e duas na Região Autónoma do Príncipe, que para nós foi um caso inédito, porque tomando os dois distritos mais pobres, refiro-me a Lembá e Caué, onde efectuei recentemente uma visita para me inteirar sobre a produção nas estufas, foi dito pelos residentes e alguém que é o presidente da cooperativa que reside directamente em Angolares, que reconheceram o apoio que o Governo vem dando, porque onde a população local comprava pimentão e tomate em unidade, hoje já é uma realidade comprar em quilogramas. Portanto, para nós é um motivo de satisfação.

Estamos a trabalhar no sentido de diminuir os preços dos produtos.

A nível do sector pecuário, mesmo com a produção da suinicultura, só no ano de 2017, conseguimos comercializar 74 toneladas de carne, só do projecto de suinicultura, e tem havido um grande acompanhamento aos nossos criadores.

Devo dizer também que, através dos sectores de agricultura, estamos a acompanhar atentamente, vamos melhorar os estudos, estamos a dar possibilidades de podermos, ainda dentro deste ano, implementar as tecnologias de irrigação. Já foram identificadas algumas comunidades e eu acredito que ainda durante a nossa Legislatura daremos respostas às comunidades que têm maiores dificuldades de água, principalmente para irrigação, poderemos ajudar esses agricultores a aumentar a produção.

Devo dizer que o Governo está preocupado, vamos acompanhar atentamente e acreditamos que vamos, paulatinamente, melhorar as situações que afligem não só os agricultores de São Tomé, como também da Região Autónoma do Príncipe, porque temos partilhado equitativamente todas as dificuldades e ajudar também os agricultores na melhoria das condições de vida e, por que não, aumentar a produção e diminuir a importação de alguns produtos.

Portanto, é esta a minha contribuição, Sr. Deputado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Danilson Cotú, para uma intervenção.

*Entretanto, assumiu a presidência o Sr. Vice-Presidente, Levy Nazaré.*

*Eram 13 horas e 55 minutos.*

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sr. Presidente, vou tentar ser muito breve, porque o tempo está a correr contra mim.

Na verdade, eu gostaria era de perguntar ao Governo, mais concretamente ao Sr. Ministro das Finanças, já que é o Sr. Ministro das Finanças o único interlocutor na matéria que eu gostaria de perguntar, o que é que o Governo prevê, em termos de políticas públicas, para, pelo menos, mitigar os efeitos que esses impostos e taxas que temos conhecido no País estão a causar junto à população? Se digo isso, é porque todos sabemos e somos conscientes, neste sentido, que a pobreza agudizou. A população está mais pobre, tem mais dificuldades. Então, o que é que o Governo pensa em fazer, no sentido de contornar o impacto negativo dessa política, que também sei que sabem que é negativa?

Outro aspecto, rapidamente, o Governo decidiu que desde 1 de Janeiro deveríamos mudar a hora, ou o fuso, e uma das bandeiras que levantou era que iria proporcionar um aumento da produção. Gostaria de saber, em termos gerais, não creio que já tenha os resultados tangíveis, mas em termos gerais, o que é que o Governo espera nesse sentido, porque acho que antes de mudar a hora e tendo como base o relançamento da economia, tem alguma base em termos de referência que pretendemos atingir. Por isso, seria bem dizer-nos também.

E já agora, me mandaram uma mensagem e eu tenho que perguntar, porque o Sr. Ministro dos Desportos prometeu aqui na Assembleia a construção de um pólo desportivo em Madalena e os jovens estão à espera. O senhor, na altura, garantiu que havia no orçamento, mas a obra não começou e os jovens mandaram-me perguntar isso.

O Sr. Primeiro-Ministro fez la uma reunião, prometeu um centro digital e os jovens de Madalena mandaram-me perguntar para quando o centro digital que prometeu.

Outro lugar que o Sr. Primeiro-Ministro foi e prometeu saneamento é no caso de Praia Melão, na área de Mucambú. Prometeu saneamento, para evitar o desassoreamento do rio. A população de lá está à espera. O senhor falou com o Silvério Amorim, residente lá, e ele pediu-me que falasse consigo.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado, para uma intervenção.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, há bocado, ouvimos aqui o Sr. Ministro da Agricultura falar do seu Ministério, disse-nos que no ano passado atingiu uma produção de 70 toneladas de carne de porco, mas eu fico um pouco confuso, quando nos tinha dito que iria produzir 40 toneladas por dia...

**Uma voz do ADI**: — Por dia?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — ...sim, há gravação, e hoje está a nos dizer que, em 1 ano, produziu 70 toneladas. Enfim.

Mas a minha questão briga com as que coloquei ao Ministro das Finanças e que não tive respostas. Não me disse qual é o tecto que iria adoptar para o bilhete de tesouro. Sabemos que o País está com uma dívida externa bastante avultada, que há necessidade de se fazer contenção, mas hoje somos reconhecidos como um país de desenvolvimento médio, isto porque o Governo tem vindo a falsear os documentos que entrega às organizações internacionais. Por essa razão, alguns donativos que recebíamos já não podemos receber e vamos passar a receber só créditos, porque já atingimos um nível que os países já não vão nos dar donativos. Nós mesmos é que declaramos que estamos neste nível e, neste momento, tudo que recebemos vai ser crédito. Donativos, jamais.

Ora, em 2017, tivemos perdão da nossa dívida...

**Uma voz**: — 2017?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — ... 2007. Ficamos a volta de 110 milhões de dólares como dívida do País. Em 2007, tivemos o Governo do MLSTP/PSD coligado com PCD, MDFM e a UDD e estes governos contraíram dívidas externas no valor de 54 milhões de dólares.

De 2007 até esta altura, o Governo do ADI, que assumiu a governação do País, contraiu a dívida de 130 milhões de dólares. Vejam a diferença! Os outros contraíram 54 milhões e este Governo contraiu 130 milhões. Para quê? Onde é que meteram esse dinheiro? Que benefícios trouxe para o País? E o País está hoje completamente endividado.

Sr. Primeiro-Ministro, eu sinto muito, porque o senhor quando sai desta Sala, lá fora, pega no microfone, quando está sozinho com a câmara, diz tanta coisa, faz um *show off* terrível, fala da oposição, insulta as pessoas e hoje o senhor está cá com um privilégio para poder falar connosco, *tete a tete*, mas o senhor não fala. Amanhã, vai chamar a comunicação social à sua casa, para estar sentado, *largar o bofe* e maltratar as pessoas. O senhor só ganha voz lá fora, porque aqui dentro não consegue falar connosco.

É isso, Sr. Primeiro-Ministro. O senhor tem que vir cá falar, não é fazer somente o remate final, que é a declaração final. O senhor tem que justificar as suas acções como Chefe do Governo.

Obrigado.

*Entretanto, reassumiu a presidência o Sr. Presidente, José Diogo.*

O Sr. **Presidente**: — É só para informar que o MLSTP/PSD já não tem tempo para intervir.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Ah, não!

O Sr. **Presidente**: — Só 30 segundos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira, para uma intervenção.

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, a minha intervenção até é em jeito de pedido de esclarecimento, mas eu preferi utilizar o tempo atribuído ao meu Grupo Parlamentar, porque o Sr. Líder Parlamentar do MLSTP/PSD falou em números e, como eu também interpreto número, fiquei um bocado assustado. Falou de algumas empresas públicas e referiu-se a uma que é a ENAPORT, que disse que tem acima ou cerca de 250 funcionários. Eu fiquei bastante preocupado como Deputado, porque tenho outras informações. Quando eu vinha para esta Sala voltei a perguntar também no sector e tenho uma informação contrária.

Para continuar a minha intervenção, gostaria de pedir esclarecimento ao Sr. Deputado, se mantém este número.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado, para um esclarecimento, porque já não tem tempo.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Obrigado Sr. Deputado que colocou a pergunta. Talvez não entendeu a minha intervenção. Eu disse que este Governo introduziu mais duzentos e tal trabalhadores.

Quer dizer que os duzentos e tal vão ser somados aos que já existiam. Portanto, eu disse que dar emprego às pessoas é muito importante, mas tirar a empresa a capacidade de poder funcionar, metendo pessoas por meter, porque se tem que meter lá irmãos e primos dos Deputados...

Os Srs. sabem que quase todos aqui têm lá gente a trabalhar.

*Murmúrio do ADI.*

Tem, tem, tem. Até o Primeiro-Ministro tem lá o afilhado, que é o Director da empresa.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira, para continuar a sua intervenção.

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Muito obrigado Sr. Presidente.

Se fiz pedido de esclarecimento ao Sr. Deputado, é porque quando é um Líder Parlamentar a falar, se leva um bocado sério. Da informação que eu tenho, a ENAPORT tem 140 trabalhadores.

Obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Espero que o Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD se acalme, antes que passar a palavra ao próximo interveniente.

Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Correia, para uma intervenção.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, Caros Colegas Deputados, muito bom dia.

Eu gostaria de pedir aos senhores, porque a minha intervenção de hoje é na base de alguns traços que fiz e gostaria que me compreendessem.

Eu gostaria de tecer algumas considerações a este Governo, e ao Srs. Ministros peço um pouco de paciência, 4 minutos.

Sr. Primeiro-Ministro, ontem aqui nesta augusta Assembleia, ...

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Não está na Sala.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): —... há Ministro-adjunto... toda a Nação...

*Risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Não quero ouvir-te a falar. Onde é que está o homem?

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — ... há Primeiro-Ministro-adjunto, certamente a informação vai passar e não me importo com estas falacias.

Ontem, aqui nesta augusta Assembleia, toda a Nação são-tomense teve o prazer de ouvir Vossa Excelência, aquando do discurso de apresentação da proposta de lei de Orçamento Geral do Estado e das Grandes Opções do Plano para o Ano Económico 2018, por conseguinte, o último orçamento desta 1.<sup>a</sup> Legislatura de estabilidade que o nosso país conheceu, após mais de duas décadas de conquistas da nossa democracia.

Confesso, Sr. Primeiro-Ministro, que estou verdadeiramente bastante animado com a sua idoneidade.

O País, apesar de conhecer pela primeira vez um regime de estabilidade, viu-se confrontado com inúmeras turbulências, tanto internas como externas, tanto políticas como socio-económicas.

Excelências, aproveito para propor que a insígnia da nossa República, na minha modesta opinião, deve fazer-se acompanhar, doravante, por mais uma palavra de ordem, passar a ser: «estabilidade, unidade, disciplina e trabalho». Ao invés de somente «unidade, disciplina e trabalho». Perdoem-me, Excelências, por este atrevimento, mas se me refiro a mais este vocábulo, é porque é notório que do contrário o País não conhecerá a verdadeira política em prol do desenvolvimento e, por conseguinte, os cidadãos não poderão julgar os seus dirigentes da forma mais eficaz.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Esta é a declaração final?

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Apesar destas turbulências, Sr. Primeiro-Ministro, eu pude fixar alguns indicadores macroeconómico que Vossa Excelência frisou no seu discurso e outro tantos relatados nestes dois pacotes de lei e, por esta razão, gostaria de parabenizá-lo pela estrondosa subida percentual da taxa de frequência turística, em mais de 50%, fruto das medidas levadas a cabo pelo seu Governo, o que, a meu

ver, constitui um indicador bastante importante para o nosso país, ao contrário das ilusões do ouro negro que vem, de algum tempo a esta parte, pairar nas cabeças de muitos dos nossos concidadãos.

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD): — Se fosse a oposição, o Sr. Presidente falava. Kiê. Isso é discurso?

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Deixe o homem passar vergonha dele ...

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Se me permitem, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, quero estender esta felicitação a todos os seus colaboradores, aos nossos empresários, tantos nacionais como estrangeiros, e sem deixar de aplaudir os trabalhos dos nossos dirigentes locais e Regional, pela visão cada vez mais ampla no que concerne às políticas ao nível do turismo.

Mais vale tarde do que nunca e, como disse Jean Fourastié, «não se melhora a sorte dos homens sem a acção dos homens».

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Jean Fourastié?

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Sr. Primeiro-Ministro, caríssimos colegas Deputados, agarrei no indicador acima referido, uma vez que parece que perdemos muitíssimo tempo e com o tempo deixamos fugir da mente as estratégias que mais vão de acordo com as nossas características geográficas, as nossas fragilidades, deixando para trás o nosso verdadeiro potencial.

Sei perfeitamente que o País não pode e nem deve viver de uma única política e nem deve ser avaliado por um único indicador. No entanto, necessário se torna definir e apostar naquela filosofia que mais garantia nos traga.

Sr. Primeiro-Ministro, ainda na esteira do seu discurso e posteriormente na observação de algumas intervenções por parte de alguns dos meus colegas Deputados, ouvimos aqui nesta Casa Parlamentar Vossa Excelência a ser avaliado e pude constatar que as notas atribuídas ao seu desempenho foram na sua totalidade zero. Andei ontem, toda noite, a pensar neste meu país, nosso e de todos nós, e cheguei à conclusão que de facto nós, os são-tomenses, estamos a perder a estima e, se calhar, nunca a granjeamos.

Meus caros colegas Deputados,...

**Uma voz:** — Eu não é!

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — ... façam-vos lembrar que a morte sorri a todos.

Meus senhores, atribuir uma nota de avaliação deste tipo, é o mesmo que cuspir no próprio prato que em come.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Oh!

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Eu também sou são-tomense, com idade suficiente para recapitular e dar corpo àquilo que é o presente, com base nas memórias. Posso assegurar, excelências, que na qualidade de cidadão deste país, o País não é o mesmo. O País nunca poderia ser igual, quando as políticas de água, energia, estradas, saúde, educação, justiça, entre outros aspectos económicos de reforma, estão a ser levados a cabo, de forma mais eficaz possível, ainda assim, pela primeira vez, com uma meta definida no Programa deste Governo. Refiro-me à agenda de transformação do País até 2030.

Meus caros colegas Deputados, não podemos nunca menosprezar as avaliações dos organismos internacionais, tais como o Banco Mundial, o FMI, entre outros, de forma mais leviana, quando o País vive na base dos empréstimos e as das doações destes, somente para podermos denegrir as imagens dos nossos compatriotas e mesmo só porque não gostamos deles.

Já dizia um certo sábio que a «condição essencial para que a nação progrida rapidamente é que todos os membros tenham uma ideia clara do que é o progresso».

*Murmúrios.*

O Sr. **Oscar Gina** (MLSTP/PSD): — O senhor está a fechar o debate.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Devem estar recordados do termo do compromisso que se subscreveu em 2010, com a maioria da população da Região Autónoma do Príncipe.

Vossas Excelências também devem estar lembrados da desconfiança que este projecto causou na mente de alguns incrédulos políticos, tanto do Príncipe, como da República.

Hoje, Sr. Primeiro-Ministro, e para que não haja dúvidas, devo repisar e acrescentar aquilo que acima referi. O País não é mais o que era antes e o Príncipe já não é o que era no passado, e nem será. Se me permitirem, devo ainda, Sr. Primeiro-Ministro, parafrasear uma parte do seu discurso que dizia: «as



memórias dão corpo àquilo que é o presente». De facto é verdade. Graças a si, Excelência, a Região pôde traçar políticas públicas que estão vindo a beneficiar os cidadãos são-tomenses que lá habitam.

Graças a si, Sr. Primeiro-Ministro, o Príncipe hoje sabe o que é ter luz eléctrica, 24 horas sobre 24 horas.

Graças a si, Sr. Primeiro-Ministro, foi decidido alocar verbas para que as estradas do Príncipe saíssem da lista das mais degradadas do País.

Graças a si, Sr. Primeiro-Ministro, o Príncipe hoje respira de alívio e pode traçar outras metas para o futuro.

Excelências, eu sei que o Príncipe ainda apresenta muitas dificuldades e todos nós temos consciência disso. Sei que nem tudo que se pediu ainda foi cumprido. Porém, tenho que reconhecer que foram feitas coisas importantes e, a meu ver, bastante estruturantes.

Às vezes me questiono, se todos os ex-Primeiros-Ministros do País se tivessem feito algo pelo Príncipe, hoje o Príncipe já estaria em condições de dar mais e melhor ao País.

Ainda assim, Sr. Primeiro-Ministro, há muitas más-línguas que dizem que nada foi feito.

Ainda no seu discurso de ontem, referiu sobre a crise internacional de hoje. E eu pergunto, quantos milhões ou milhares de dólares entrou no País desde a independência até o ano 2010? Alguém sabe me dizer?

Quantos destes milhares de dólares deveriam ser alocados nos programas estruturantes da ilha mais pequena que faz parte da República, segundo o ponto 1 do artigo 4.º da nossa Constituição?

Quantos indivíduos foram formados desde a independência até o ano de 2006? 2006, o ano da revolução Regional.

E quantos destes são são-tomenses residentes no Príncipe...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Ingrato.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — ... quantas oportunidades de capacitação, de cooperação e de intercâmbio que o País teve até 2010 e quantos destes foram para o Príncipe?

Excelências, a população da Região Autónoma do Príncipe, em boa hora, abraçou a causa e pode hoje dizer-se menos insatisfeita com o marasmo em que o Príncipe se encontrava outrora.

Permita-me, Excelência, endereçar a estes homens e mulheres e jovens da Região que deram o seu corpo pela causa os agradecimentos, com a mais alta estima e consideração.

Por outro lado, agradecer também a população de São Tomé que após as trapalhadas do Governo da Troika souberam dar volta à situação, atribuindo a este Governo uma maioria absoluta nas eleições de 2014. São as condições *sine qua non* para que haja estabilidade e, por conseguinte, o desenvolvimento do País.

Sr. Primeiro-Ministro, o País conhecerá, em Outubro do ano corrente, o processo de eleições legislativas, autárquicas e Regional e eu, na qualidade de Deputado, suplico a Vossa Excelência que até lá dê o seu melhor para os problemas que assolam o País, com particular realce aos da Região Autónoma do Príncipe.

Os constrangimentos do duplo isolamento que a ilha do Príncipe tem vivido deixa-nos peçados perante desconhecidos, quando dizemos que somos um país que em tempo já fora considerado maior produtor do cacau.

*Murmúrios.*

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Sr. Presidente, o que se passa? Posso continuar, Sr. Presidente?

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sim, pode.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Deixem-me acabar.

O Príncipe não pode falar? Srs. Deputados, por amor de Deus! Se eu estou cá e se o Príncipe não pode falar, então vocês que me digam para eu poder ir-me embora. Eu tenho que falar. O Príncipe também é uma parte do País! É ou não é?

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, deve reconhecer que está a ser muito longo.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Posso falar ou não?

O Sr. **Presidente**: — Fale.

O Sr. **Aérton Rosário** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, deixe o Príncipe falar.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — O constrangimento do duplo isolamento que a ilha do Príncipe tem vivido deixa-nos peçados perante desconhecidos, quando dizemos que somos um país que em tempos já fora

considerado maior produtor do cacau. Que, em tempos, a ilha do Príncipe já fora capital das ilhas; um País que, em 1975, já possuía algumas infra-estruturas de base produtiva; um país que enfim, sem fim.

E para terminar, permita-me, Sr. Primeiro-Ministro, dizer que o meu mandato, enquanto Deputado, está no fim, a minha meta está a chegar, porquanto sei que, se calhar, já nem serei mais para aqui chamado. Dado que gostaria de sublinhar as minhas contribuições para a Nação, com particular realce para a Região Autónoma do Príncipe.

Em suma, Excelências, sinto-me feliz, com sentido de dever cumprido. Nós no Príncipe havíamos saído de uma revolução, em 2006. A única do país que se consumou. Partimos para uma eleição democrática Regional e andávamos à procura de um primeiro-ministro à altura, como Vossa Excelência.

Como vêm, Excelências, vamos ter que deixar os nossos legados e eu quando deixar ficarei ciente de que dei o meu contributo ao País e à Região.

Permita-me, Sr. Primeiro-Ministro, que lhe peça para encontrar, ainda neste Orçamento, uma verba, caso seja possível, junto aos nossos parceiros, para a elaboração de um estudo para a construção de um porto acostável na Região Autónoma do Príncipe, com o objectivo de colmatar a diversa inoperacionalidade dos meios e equipamentos, de pessoas e bens e do desembarque de combustíveis.

Excelências, não se pode pensar na pequenidade da ilha, para obstaculizar projectos de médio porte. Quanto não, estaríamos a pôr em causa os princípios de igualdade, segundo o artigo 15.º, ponto 1, da nossa Constituição.

Em suma, Sr. Primeiro-Ministro, gostaria de encorajar Vossa Excelência, dando-lhe muita força, pedir a Deus que lhe dê vida e saúde, para trabalhar arduamente e nunca se distrair com as coisas fúteis que possam advir.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados...

*Murmúrios.*

...Srs. Deputados, Srs. Deputados, apelo a uma certa calma, evitando situações extras.

Sr. Deputado Carlos Correia, peço uma certa calma. O senhor fez a sua intervenção, tudo muito bem. O Sr. Deputado falou e falou muito bem, exprimiu tudo que tinha na alma, muito bem, cumpriu com o seu papel como Deputado. Daí que quero agradecer-lo e pedir para ter uma certa calma. O senhor passou a sua mensagem e foi muito bem, ponto final.

Posto isto, tendo em conta que já estou a verificar que o tempo quase está a esgotar...

*Murmúrios.*

...deixem-me falar.

O PCD tem 1 minuto e 4 segundos, o ADI ainda tem tempo, o MLSTP/PSD já não tem tempo. Quero saber se o PCD tem uma intervenção de 1 minuto e 4 segundos.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Não tem tempo.

O Sr. **Presidente**: — Tem 1 minuto e 4 segundos.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Não, 2 minutos e 4 segundos.

O Sr. **Presidente**: — Então o Sr. Deputado Danilson Cotú quer usar da palavra?

Tem a palavra o Sr. Deputado João Godinho, para uma intervenção. Depois disto, vou passar a outra fase do debate.

O Sr. **João Godinho** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: Há mais de 3 anos que Ribeira Afonso não tem sinal de TVS. O que o Governo pretende fazer para resolver essa situação e até quando?

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Muito bem! Chegou! Boa!

O Sr. **Presidente**: — O PCD ainda tem 41 segundos. O Sr. Deputado Danilson Cotú quer utilizar esse tempo?

Tem a palavra a Sra. Deputada Filomena. No fundo, é 1 minuto e 41 segundos.

A Sra. **Filomena Pina** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco, Srs. Deputados e Deputadas: Se vim aqui, é para agradecer o Sr. Deputado Carlos Cassandra, mas com uma ressalva.

Quero dizer que o Príncipe é parte integrante do Território Nacional, logo, é obrigação do Governo fazer as coisas que fez. Mesmo assim, quero dizer que o investimento público para o ano de 2017 ficou a 24%.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Correia, para uma intervenção.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Sr. Presidente... estou calmo. A minha forma política de falar é esta. Comecei a ter esta forma desde o momento em que eu comecei a sentir na pele o marasmo em que essa terra se encontrava, fruto de vários governos.

O Sr. **Aérton do Rosário** (MLSTP/PSD): — Mas já melhorou?

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Sr. Presidente...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Quando as pernas estavam abertas...

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Sra. Deputada, em momento algum, disse que havia...o que eu falei é que, passado muito tempo, tivemos alguém que desse mais atenção à nossa ilha. Nós ficamos muito tempo encravados, com vários primeiros-ministros, mas se n formos ver a estatística, este Governo, se calhar, deve ser o Governo que mais atenção deu ao Governo da Região Autónoma do Príncipe.

*Murmúrios do PCD e do MLSTP/PSD.*

É disto é que eu estou a falar. Não estou a falar que lá não devia, que não sei o quê. Não.

Se é este que deu, devemos falar dele.

E a nível de investimento, se a senhora for ver, por causa dos constrangimentos internacionais, também a ilha maior deve ter ficado aquém daquilo que eram as expectativas dos investimentos públicos.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Danilson Cotú, para uma intervenção, a fim de esgotar o tempo do Grupo Parlamentar do PCD.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Obrigado, sr. Presidente, é rápido.

Durante o período das campanhas eleitorais, o Governo fez um montão de acções, com o objectivo de conseguir votos para o Sr. Presidente da República e, numa dessas acções, foi à comunidade de Maria Luísa, no Distrito de Lembá, colocar lá postes, mas os postes ficaram lá, o fio passou para outra localidade. Não ligaram luz para a comunidade de Maria Luísa. Então, a população de lá está à espera e quer saber quando é que isso será resolvido? Quando for outra campanha?

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, chegamos ao fim das intervenções.

O que está previsto no Regimento da Assembleia Nacional, no ponto 2 do artigo 209.º, é o seguinte: «O debate inicia-se e encerra-se com uma intervenção do Governo», antes de passarmos à votação. Estou a cingir-me escrupulosamente ao cumprimento daquilo que está estatuído no nosso Regimento.

Antes do encerramento, cada Grupo Parlamentar tem o direito de produzir uma declaração sobre as duas propostas de lei. Neste sentido, convido os líderes parlamentares a produzirem a dita declaração sobre as duas propostas de lei. Sendo assim, passaria a convidar o Líder do Grupo Parlamentar do PCD a proferir a sua mensagem. No fundo, é uma apreciação sobre as duas propostas de lei.

Tem a palavra o Sr. Deputado Danilson Cotú, para a sua declaração.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Povo são-tomense, acabámos a discussão do Orçamento Geral do Estado e Grandes Opções do Plano para 2018, na generalidade. Orçamento que, no nosso entender, começou desde a sua génese a ser elaborado sem respeito às leis da nossa República. Prova disto é a violação daquilo que manda a alínea c) do artigo 8.º da Lei 8/2001 – Estatutos do Direito da Oposição, tendo em conta que este Orçamento foi elaborado e enviado à Assembleia Nacional, sem antes se fazer aquilo que a Lei obriga, que é ouvir os partidos políticos com assento parlamentar.

Outro aspecto que o PCD tem a destacar, que pesa negativamente em relação a este Orçamento, é o facto de ele não ter contado com a colaboração, nem ter sido envolvido os parceiros de concertação social. Tendo como base inúmeras promessas eleitorais do ADI, entendemos que este Orçamento não apresenta políticas públicas que sirvam efectivamente para promover o emprego digno, combater a pobreza e a exclusão social que se vive no nosso país, ao contrário da aposta feita pelo ADI e o seu Governo, aumentando os impostos e taxas que contribuíram para aumentar a pobreza e a fome, degradar os serviços de saúde e protecção aos mais necessitados. Não obstante já termos apresentado várias propostas ao

longo desta Legislatura, vimos, mais uma vez, apresentar algumas linhas orientadoras que, no entender do PCD, o Governo deveria lançar mãos, para ajudar a resolver os problemas do povo são-tomense.

O PCD entende que não existe regime democrático sem o verdadeiro parlamento, com Deputados que constituem frente de resistência contra males como a corrupção, prepotência, contra o totalitarismo. Neste sentido, o PCD defende e entende que se deveria partir por uma aposta num parlamento forte, que fosse capaz de assumir o seu verdadeiro papel de fiscalizador e que não seja vergonhosamente um parlamento subjugado ao poder.

Defendemos igualmente um princípio efectivo de separação de poderes, onde reina verdadeira autonomia dos Tribunais, como órgão de soberania, e sem interferência do poder político, como mandam as normas constitucionais e as leis da República.

O PCD entende ainda que o funcionamento do Estado torna-se imperfeito, quanto mais centralizado. Daí a descentralização ser, para nós, um imperativo estratégico, dando maior atenção às autarquias e ao Governo Regional.

O Governo deveria, no nosso entender, estimular a existência de uma verdadeira comunicação social plural, autónoma e independente do poder político, em termos editoriais.

O Governo deveria adequar as Forças de Defesa e de Segurança aos objectivos estratégicos do País e nunca subjugá-las ao interesses individuais.

O PCD entende que o Governo deveria promover ou defender uma verdadeira despolitização da Função Pública e, conseqüente, valorização dos seus recursos humanos, no que tange a aposta na competência.

Deveria o Governo, no entender do PCD, incentivar a produção interna, através de uma linha de créditos com juros bonificados para os agricultores, pescadores e *palaiês*.

Deveria promover a atracção de investimentos estrangeiros, através de incentivos fiscais, tendo em conta a nossa posição geoestratégica na sub-região, como forma de criar empregos e riquezas.

Deveria o Governo estimular o surgimento de *startups* como forma de promover o verdadeiro empreendedorismo Juvenil.

Deveria estimular a formação profissional como uma primeira forma de recurso ao mercado de emprego.

Deveria, de igual modo, aumentar as bolsas de formação interna e externa e promover uma maior diversificação da oferta formativa ao nível superior no País.

Deveria também promover ou dar maior atenção aos reformados, através da devida actualização dos seus subsídios e garantia de gratuidade dos serviços de saúde.

Para o PCD, uma aposta deveria ser direccionada à família, enquanto estrutura basilar e fundamental no desenvolvimento de qualquer sociedade. Mas, nesses aspectos que apresentamos, como sugestão, o Governo não apresentou nada.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Líder do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, para fazer a sua declaração.

O Sr. **Gaudêncio Costa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados: A situação política nacional caracteriza-se como sendo paradigmática de regimes onde a liberdade de expressão e de opinião não são respeitadas.

A situação económica caracteriza-se pela paralisia de todo o tecido empresarial e alto nível de desemprego, sobretudo para os jovens. A economia são-tomense não dá sinais de crescimento, daí não se entender os dados macroeconómicos apresentados pelo Governo, nomeadamente o crescimento de 4%.

O Governo do ADI falhou. Falhou em todas as promessas eleitorais que fez aos são-tomenses em 2014.

Falhou nas previsões que fez para a solução dos gritantes problemas que afectam a nossa população, falhou na defesa dos cidadãos contra as doenças, desinvestindo no sistema de saúde.

Falhou nas promessas de apoio ao empreendedorismo juvenil.

Falhou na promessa de atracção ao investimento directo estrangeiro, enfim, falhou nas previsões de crescimento que havia feito aos são-tomenses.

Este Orçamento para 2018 é uma continuidade da desresponsabilização, do desmando, da corrupção, das viagens inúteis ao estrangeiro a que o Chefe do Governo nos habituou.

O XVI Governo Constitucional completa, em Outubro deste ano, daqui há 8 meses, 4 anos. 4 anos de um Governo de faz de contas.

Nunca se assistiu a um ataque tão intenso e prolongado contra os interesses dos funcionários públicos e contra toda a população em geral. O Governo do ADI entende que deve ser o povo pequeno a pagar a crise, enquanto os seus principais dirigentes vivem num “regabofe”.

O Chefe do Governo vive como um rei, gastando recursos que deveriam servir a juventude e ao povo. O custo diário de uma *suite* num hotel em Dubai, daria para pagar bolsa interna a 20 estudantes do ISP, durante 1 um ano lectivo inteiro; a 10 estudantes da Lusíada, durante 1 ano lectivo inteiro.

O montante gasto nas viagens de laser durante estes anos de governação daria para pagar bolsas no exterior, durante 5 anos, a mais de 600 estudantes. A maioria desses estudantes é filho do povo pequeno que com tantas dificuldades sacrifica as suas economias para dar o melhor à sua família.

Ao invés de reconhecer a sua incapacidade em lidar com a situação, o Governo mergulhou-se em expedientes para se agarrar, desesperadamente ao poder, valendo, para isso, tudo. Tudo, incluindo pôr em perigo a nossa democracia e o Estado de Direito Democrático.

O MLSTP/PSD propõe que seja abrandada a austeridade. Que sejam dados impulsos à economia e que seja estimulado o emprego, sobretudo para os jovens.

O MLSTP/PSD insta o Governo a criar mecanismos para que a credibilidade do Estado seja de novo reposta.

O MLSTP/PSD insta o Governo a dar prioridade às pessoas, dando mais oportunidade ao sistema de saúde, para que ele possa dar aos são-tomenses garantias que são básicas e que estão plasmadas na nossa Constituição.

O Governo promoveu o insucesso escolar, quando obriga as famílias a pagarem o manual escolar. Imaginemos um pai que tenha o salário mínimo e tenha 4 filhos, neste momento, a estudar. Terá muitas dificuldades para manter os seus filhos na escola.

A esse respeito, nós solicitamos ao Governo que dê maior atenção a essa franja da nossa sociedade, que é mais frágil, promovendo assim a coesão social. O posicionamento do MLSTP/PSD é claro. Nós somos um partido do centro-esquerda. Um partido cuja preocupação social é notória e ao mesmo tempo a nossa preocupação com o desenvolvimento, em termos económicos da nossa sociedade, está sempre presente. As políticas públicas que defendemos também são claras. Somos e queremos continuar a ser uma força transformadora, como protagonista de um ambicioso movimento de reformas para a modernização da sociedade, da economia e do Estado, bem como eficiência na sustentabilidade da economia como protagonista de um ambicioso Estado e a obtenção de novas conquistas para igualdade ao serviço de uma sociedade mais justa, promovendo assim a maior coesão social.

A situação política nacional é tão grave que exige de todos um esforço suplementar, no sentido de criar consensos, fortalecer as instituições do Estado e a sociedade civil em geral.

Em 4 anos, o Governo do ADI não foi capaz de criar condições para que projectos de construção de centrais de produção de energia limpa e sustentável fossem uma realidade. Ao invés disso, pegou na central construída pelo Governo do MLSTP/PSD, em apenas 2 anos de governação, para distribuir energia a algumas zonas, dizendo que está a levar o desenvolvimento a estas populações.

O ADI, como dissera nas intervenções anteriores, deveria agradecer ao MLSTP/PSD, pela construção da Central de Santo Amaro. Caso contrário, seria um Governo que em 4 anos de governação não teria nada que mostrar. Por tudo isto, o MLSTP/PSD vai votar contra o Orçamento do Estado, que é injusto, pouco ambicioso, vai contra os interesses do povo pequeno e contra os jovens. É um orçamento que não dá sinais de abrandamento da carga fiscal, antes pelo contrário, agrava a vida dos são-tomenses.

As funções sociais do Estado desapareceram. Os são-tomenses são obrigados a pagar tudo, incluindo o acesso à saúde. Quem não tiver dinheiro irá morrer à porta dos hospitais e centros de saúde. Nunca se viu nada assim!

O MLSTP/PSD pede ao povo são-tomense, em geral, aos jovens, às mulheres chefes de família, às *palaiês* e aos pescadores, para terem esperança. Estamos num ano de eleições, em que muito do nosso destino vai estar nas mãos do povo. Aí o povo terá oportunidade de escolher entre quem rouba o sonho para manter a vida que tem e quem está do lado do povo, vivendo com ele todas as dificuldades do dia-a-dia.

Viva São Tomé e Príncipe!  
Bem-haja a todos.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Líder da Parlamentar do ADI, ou o seu representante, neste caso o Sr. Deputado Levy Nazaré, para sua declaração.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Vice-Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Vice-Presidente da Assembleia Nacional, o Sr. Deputado Levy Nazaré, para a sua intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Ministros, Caras e Caros Deputados. Eis que chegamos ao fim do nosso debate, nesses 2 dias. Se me permitem, ainda sobre o debate, reconhecer que ontem, na nossa modesta opinião, o debate não foi aquilo que esperávamos, por falta de intervenções a um nível que se pretendia, para se discutir o Orçamento Geral do Estado e as Grandes Opções do Plano.

Hoje, no início, foi o que foi, mas depois, de algum tempo...

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Depois da chegada do Primeiro-Ministro...

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — ... entendeu-se que, aí sim, poder-se-ia levantar algumas questões concernentes aos documentos que estávamos a discutir.

Felizmente, nesta discussão de hoje, a população pôde acompanhar e perceber algumas questões, com respostas também dadas pelo Governo, mas ao nível que foi possível. Eu digo ao nível que foi possível, porque ficou aquém daquilo que se espera de facto, principalmente de uma oposição, para levantar as questões das políticas orçamentais que o Governo apresenta. Mas este nível de debate leva-nos, todos dirigentes políticos, à tomada de consciência da necessidade, – muita gente não vai gostar daquilo que eu vou dizer – mas a tomada de consciência da necessidade de elevarmos o nível da Casa Parlamentar, das Sras. e Srs. Deputados, das nossas intervenções, para podermos dignificar este Órgão de soberania. Mas, para isso, chamo atenção a todos os responsáveis político-partidários, para no momento da feitura das listas para deputados poderem ter em atenção essa matéria, porque é lá que reside o problema. É no momento da feitura das listas. Espero que na próxima legislatura possamos ter uma casa parlamentar mais consentânea com aquilo que se pretende, principalmente, atendendo que já sabemos que existe a questão da incompatibilidade, o que não se teve em conta em 2014.

Gostaria de pedir ao Governo, como já havia feito na minha primeira intervenção, para continuar com o fomento ao crescimento económico, continuar com as reformas que possam ajudar e contribuir para o desenvolvimento de São Tomé e Príncipe.

Havia feito a intervenção, falando de algumas reformas, acrescento a consolidação das reformas fiscais e a concretização dos projectos estruturantes de investimentos que possam ter efeitos multiplicadores para a nossa económica.

O Sr. Ministro falou aqui do crescimento dum sector importante que há muito que se vem falando, que é um sector transversal, que é o Turismo. Para o Governo, neste ano de 2018, dar uma atenção particular a este sector, porque é o sector que poderá trazer divisas para o País, ajudar na questão do desemprego, ajudar a elevar o nosso tecido económico, contribuindo assim para o crescimento económico.

Como eu dizia, é um sector transversal, é preciso trabalharmos na saúde, daí parabenizar o Governo. Espero que concretize mesmo e que este ano arranque a obra do hospital, que poderá ajudar também ao turismo, reforçar a questão da segurança pública, porque é fundamental que os turistas se sintam seguros, quando vão à praia, quando se deslocam. Temos que reforçar a questão de segurança e o Governo tem políticas de reforço mesmo dessa segurança pública, para dar resposta a isso.

A formação dos nossos jovens é fundamental. Ainda há dias ouvi um turista, que veio num paquete que esteve cá, dizer que gostou do País, gostou de algumas representações culturais, mas quando perguntou ao guia turístico o que é que significava aquela representação, salvo erro era o *tchiloli*, o guia disse que não sabia, e o turista disse que ficou triste, porque gostaria de saber o que era o *tchiloli*. No fundo, é preciso formar. A Direcção do Turismo tem que continuar com essa política de formação e capacitação dos nossos jovens, para darmos respostas às preocupações quanto ao Sector do Turismo que poderá, como eu já havia dito, ajudar-nos muito.

No fundo, gostaria de encorajar o Governo para, neste último ano da Legislatura, continuar a sua missão, a sua tarefa. Não vou aqui tecer considerações sobre tudo o que Governo fez, porque já falámos em outras ocasiões e o povo está ciente daquilo que o Governo fez, em 3 anos. Falta este 1 ano para concretizar e, no final, o povo fará as contas e julgará, quer o Governo, quer a oposição, nesta Legislatura de 2014-2018.

Se falarmos das localidades que tiveram o privilégio de sentir de facto da presença da acção governativa, temos que lembrar algumas comunidades que ainda estão à espera de água e de energia. Quando chegámos ao poder, estávamos a uma cobertura, salvo erro de 45 a 50%. Hoje, estamos a 90, 95% de energia, mas há comunidades que ainda precisam. Mé-Zóchi: Abade, Bombaim, Santa Adelaide, S. Nicolau e algumas dependências de Monte Café.

Cantagalo: Quimpo, Monte Belo, Mendes da Silva, Apolónia e Pedroma.

Caué: Praia Pesqueira, Monte Mário, Ponta Baleia, Dona Augusta e Yô- Grande.

Lobata: temos todo o corredor da Caldeira, se bem que o Governo está a fazer uma grande acção para a estrada de Caldeira. Fomos lá há coisa de 15 dias e vimos isso. A população de Caldeiras está satisfeita com esta acção do Governo, mas também a energia precisa-se. Poiso Alto, Boa Esperança, Santa Luzia, Santa Clara, Água Coimbra.

Em Lembá: felizmente, a população está satisfeita com a acção do Governo, com a energia que chegou a Santa Catarina e algumas localidades, mas já tenho conhecimento de que a EMAE depois irá fazer chegar também a algumas comunidades como Brigoma, Roça Lembá e algumas outras comunidades de Lembá, Maria Luísa, Paga Fogo, Ponte Samú e arredores. Bom são essas comunidades, que também são são-tomenses como nós e estão à espera de energia e de outros bens.

Nós ouvimos aqui, infelizmente, digo infelizmente, porque é muito triste dizer que a energia e a água não são nada. Não são nada para quem sempre teve, para os privilegiados que sempre tiveram e quando há uma falha de 5, 10 minutos põem-se logo a gritar. Imaginem pessoas que nunca tiveram energia, depois receberem esse bem tão precioso, como a água também!

Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Membros do Governo, a grande luta para o futuro de São Tomé e Príncipe é de facto o combate ao desemprego. Pelas funções que eu ocupo dentro do partido, às 12 horas e 30 minutos, quando paro na varanda da sede do ADI e às 17 horas e 30 minutos, 18 horas, eu tenho esse privilégio de ver alunos a entrarem e saírem e eu fico preocupado com o número de alunos que temos a

terminar o Liceu Nacional e o futuro para esses jovens. Todos nós devemos estar engajados, todos nós, os políticos, de que temos que trabalhar muito mais para atrair investimento, privado e estrangeiro, para as empresas virem sediar-se em São Tomé e Príncipe e criar postos de emprego, porque só o Estado não conseguirá suportar a demanda que aí vem para emprego, com todos esses jovens a estudarem hoje. E só paro no Liceu Nacional, mas temos o Liceu da Trindade, Manuela Margarido, e temos outras escolas, vai terminar agora o Liceu de Conde, em Lobata, o Governo pensa em construir um em Cantagalo. O que será dessa juventude, se todos nós, a oposição e o poder, não direccionarmos toda a nossa energia para desenvolvermos o País economicamente, para dar resposta a toda essa demanda que aí vem? Daí que é óbvio, porque o Governo está no bom caminho, que o nosso grupo parlamentar vai votar a favor deste Orçamento Geral do Estado e das Grandes Opções do Plano.

Que o Governo possa cumprir o seu mandato, a sua Legislatura de 4 anos e depois o povo irá decidir para a continuidade da governação do ADI, para continuar os grandes projectos que o País precisa.

Muito obrigado, é isso que gostaríamos de dizer.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro e Chefe de Governo, para a apresentação da sua nota final sobre as duas propostas de lei.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo** (Patrice Trovoada) — Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Excelência, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Ministros, Excelências, estimados presentes, povo de São Tomé e Príncipe: Chegamos hoje ao fim de 2 dias de debates, consagrados à análise das propostas do Orçamento Geral do Estado e das Grandes Opções do Plano para o corrente ano de 2018. Trata-se do último Orçamento da Legislatura e, por conseguinte, estamos no ano eleitoral.

Independente do conteúdo das intervenções e as posturas habituais de representações, umas felizes, outras menos felizes, é a minha profunda convicção de que no final desta Legislatura teremos um país mais justo, mais inclusivo, mais moderno e mais próspero daquele que encontrámos, em final de Dezembro de 2014, quando aqui apresentei o primeiro orçamento do XVI Governo Constitucional, que tenho imensa honra e o privilégio de chefiar.

Mas ter um país cada vez melhor, permanecerá sempre a nossa obsessão. Tenho consciência plena de que coisas ficarão por realizar, como é óbvio em todos os governos, em todas as latitudes, sobretudo num país que não produz quase nada e que vive das ajudas dos outros. Faltou financiamento adequado? Faltou capacidade de absorção da nossa administração? Ou devido às mudanças substanciais nas condições objectivas que estiveram na origem das nossas decisões? Ou ainda simplesmente devido ao pecado de um sonho demasiado ambicioso da nossa parte? Por vezes! Mas nada ficará por fazer, por nós, porque não nos faltou e não nos faltará vontade. Não somos resignados, somos lutadores. Iremos sempre correr atrás dos objectivos que nos propusemos ao longo deste mandato.

Nenhum observador sério pode negar que o País avançou nestes últimos 3 anos. O nosso país está hoje mais aberto ao mundo, mais moderno, mais solidário, mais credível, tanto no plano interno como no plano internacional. Não reconhecer isso, bem como não reconhecer a objectividade e a importância dos índices de avaliação internacional, é recusar aceitar que São Tomé e Príncipe faz parte de uma aldeia global, em que somos todos avaliados a cada instante e que essas avaliações constituem um referente incontornável de percepção e de relacionamento entre os Estados e as organizações públicas e privadas que compõem a comunidade internacional.

Essas avaliações e os *ranking* estabelecidos são tanto mais importante para o nosso país, na medida em que elas concorrem irremediavelmente para um país variável, indispensável para a decisão do investimento internacional e para a ajuda pública ao desenvolvimento.

Desvalorizar as notas que o País alcançou em matéria do *doing business*, da luta contra a corrupção, da transparência e da boa governação significa igualmente não reconhecer os esforços e os sacrifícios quotidianos de todos os nossos compatriotas. Mas pode significar também ausência de sensibilidade e orgulho no nosso povo e na sua capacidade de transcender quando perante os desafios. Pode significar ainda uma profunda falta de auto-estima.

É infelizmente a prova acabada de que ignoramos que vivemos em um mundo diverso, mas guiado por regras comuns. É não entendermos os alcances das condicionantes e determinantes da evolução de um povo que quer se tornar mais livre, mais próximo e mais confiante no seu futuro.

As salas de aulas que estarão construídas no final desta Legislatura, os quilómetros de estradas asfaltadas e de pistas rurais, os quilómetros de linhas eléctricas instaladas, de uma ponta a outra das ilhas, os milhares do metro cúbico de água potável disponível quotidianamente para as populações, o novo Hospital Ayres Menezes a ser construído com um serviço tão esperado, a hemodiálise, as novas infra-estruturas turísticas construídas são marcos que nenhuma demagogia política poderá apagar.

As imagens cada vez mais difundidas das nossas ilhas como destino turísticos de excelência no mundo, a inscrição da ilha do Príncipe como reserva mundial da biosfera pela UNESCO, a ilha do Príncipe dotada de um aeroporto internacional que está aberto de dia e de noite, a redução do valor das custas processuais, a reforma da Justiça em curso, a digitalização dos Registos e Notariado, o passaporte electrónico, o acesso automático a nacionalidade são-tomense de todas as pessoas oriundas da CPLP que se encontravam

presentes no nosso país na data da independência, a fixação do salário mínimo nacional, a instalação de praças digitais, a construção de centros políticos desportivos, a realização para breve dos jogos juvenis da CPLP, o reatamento das relações diplomáticas com a República Popular da China e adesão firme à política de uma só China, são actos pequenos e grandes, provas de uma atitude e de uma vontade que transformaram o nosso país e propulsaram para um patamar nunca dantes alcançados.

Mas nada disso aconteceu por acaso. Estas acções foram pensadas e cuidadosamente executadas com o propósito único de contribuir eficazmente para a materialização do ideal de desenvolvimento, prosperidade e bem-estar geral, a que nos comprometemos irrevogavelmente, num contrato celebrado com o povo são-tomense, os jovens, os agricultores, as *palaiés*, os pescadores, os mais velhos e os quadros.

Com a aprovação deste Orçamento, dotamo-nos de um instrumento que permitirá prosseguir com as reformas e os investimentos públicos, dentro de uma disciplina que nos permitirá manter sob controlo os fundamentos da economia e respeitar os compromissos assumidos com os nossos parceiros de desenvolvimento, quer bilaterais quer multilaterais.

Como dissemos, 2018 não será um ano fácil. Dissemos também que a margem de manobra é estreita e não estamos ainda em condições de fazer a economia de um programa de rigor com o FMI que nos dá acesso a financiamento externo, mas que também nos impõe um conjunto de medidas bastante constrangedoras, em matéria de redução dos défices.

O FMI é a porta de passagem obrigatória para fundos do Banco Mundial da União Europeia e do próprio Banco Africano de Desenvolvimento, sem falar de outros parceiros bilaterais ou multilaterais.

No respeitante a grandes infra-estruturas estruturantes, é na base de uma reflexão profunda, baseada nas análises prudentes dos interesses diversos, com os quais devemos lidar, que conduzem a nossa política de endividamentos e de estratégias, projectos por projectos, de modo a podermos garantir a nossa independência ou pelo menos escolher o nosso grau de dependência e de alianças estratégicas.

Por essa e outras razões, tivemos de repensar, renegociar, alterar, diferir e redesenhar projectos de investimentos que irão acontecer em condições mais oportunas, a curto, médio e longo prazo, segundo o caso. Roma não aconteceu em um dia.

Somos um Governo responsável, experiente, ambicioso, mas prudente, que sabe o que está a fazer, que pensa longe e que pensa sempre naquilo que melhor serve os interesses da Nação, hoje e amanhã.

*Aplausos do ADI.*

Em 2018, o Governo tudo fará para que os sacrifícios sejam partilhados por todos, bem como os ganhos possam beneficiar todos os traços da nossa população, com prioridade sempre para o chamado povo pequeno, mas tudo faremos para que possa ser vivido de modo suportável por todos os são-tomenses, tal como aconteceu em 2017, em 2016 e em 2015.

Em 2018, prosseguiremos na via da modernização e abertura do nosso país, com o propósito de o tornar mais atractivo e mais competitivo, para que num futuro próximo possa domiciliar investimentos de envergadura capazes de gerar emprego e riqueza e fazer com que a abundante juventude que está no nosso país se transforme no autêntico dividendo demográfico, com vantagens para a Nação interna.

É com este único propósito que apresentamos esta proposta de OGE e das Grandes Opções do Plano para o ano corrente e que pedimos a aprovação desta augusta Assembleia.

No que nos resta de tempo nesta Legislatura, o Governo não resolverá tudo. Longe disso, continuaremos a agir e tomaremos as medidas que julgaremos necessárias até o último dia do nosso mandato. E assim, com o fim desta Legislatura, fecharemos uma etapa necessária e fundamental, que nos permitirá abrir o novo capítulo para o nosso país, onde estão lançadas as bases de um crescimento sustentável e onde haverá lugar para novos sonhos e novas ambições.

Agradeço a vossa atenção e a vossa paciência.

Muito obrigado.

*Aplauso do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Obrigado Sr. Primeiro-Ministro.

Vamos avançar com a agenda proposta ao longo do dia e, desta feita, submeto as duas propostas de lei a aprovação, na generalidade, começando pelas Grandes Opções do Plano.

*Submetida à votação, foi aprovada com 32 votos a favor, do ADI, e 14 contra, sendo 9 do MLSTP/PSD e 5 do PCD.*

Está aprovada, na generalidade, a proposta de lei das Grandes Opções do Plano.

*Aplausos do ADI.*

Agora, passemos à votação do OGE.



*Submetida à votação, foi aprovada com 32 votos a favor e 14 votos contra, sendo 9 do MLSTP/PSD e 5 do PCD.*

Está aprovada, na generalidade, a proposta de lei do Orçamento Geral do Estado.

*Aplausos do ADI.*

Cabe agora à 3.<sup>a</sup> Comissão Especializada Permanente analisar e aprovar as duas propostas, na especialidade, nos termos do artigo 211.º do Regimento da Assembleia Nacional.

Sras. e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Membro do Governo, eis que chegamos ao fim do nosso trabalho e agradeço a todos pelo empenho e dedicação para a sua conclusão.

Não havendo nada mais a acrescentar, declaro encerrada a sessão plenária.

*Eram 15 horas e 15 minutos.*